UMA HISTÓRIA DE EXTRAORDINÁRIO

O capítulo do Julian

R.J. PALACIO



O capítulo do Julian
R. J. Palacio

Tradução de Rachel Agavino



TÍTULO ORIGINAL
The Julian Chapter

PREPARAÇÃO
Pedro Staite

REVISÃO
Luísa Ulhoa
Carolina Rodrigues

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

E-ISBN
978-85-8057-608-5

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



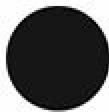



You
Tube










intrínseca



Sumário

O capítulo do Julian



Julian

Seja gentil, pois cada pessoa que você encontra está travando uma grande batalha.

— Ian Maclaren

Antes

Talvez eu tenha criado as estrelas e o Sol e esta casa enorme, mas já não lembro.

— Jorge Luis Borges, “A casa de Asterion”

***

O medo não pode machucá-lo mais que um sonho.

— William Golding, *O senhor das moscas*

Normal

Tá bem, tá bem, tá bem.

Eu sei, eu sei, eu sei.

Não fui legal com August Pullman!

Grande coisa. Não é o fim do mundo, gente! Vamos parar com o drama, ok? O mundo é enorme e nem todos são legais sempre. É assim que as coisas são. Então vocês podem, por favor, superar isso? Acho que já está na hora de seguir em frente e cuidar das suas próprias vidas, não acham?

Meu Deus!

Não entendo. Não entendo mesmo. Em um minuto eu sou, tipo, o garoto mais popular do quinto ano. E no minuto seguinte, eu sou... não sei. Não importa. É horrível. Este ano inteiro foi horrível! Para começar, eu queria que Auggie Pullman nunca tivesse vindo para a Beecher Prep! Queria que ele tivesse mantido aquela sua carinha medonha escondida, como em *O fantasma da ópera*, ou algo assim. Use uma máscara, Auggie! Tire seu rosto da minha frente, por favor. Tudo seria bem mais fácil se você simplesmente desaparecesse.

Pelo menos para mim. Na verdade, também não quero dizer que ele tire de letra. Sei que não deve ser fácil para ele se olhar no espelho todos os dias, ou andar pela rua. Mas isso não é problema meu. Meu problema é que tudo está diferente desde que ele entrou na minha escola. As crianças estão diferentes. Eu estou diferente. E isso é um saco.

Eu queria que tudo fosse como era no quarto ano. Nós nos divertíamos tanto, tanto, tanto! Brincávamos de pique-bandeira no pátio e, sem querer me gabar, mas todo mundo queria andar comigo, sabe? Só estou dizendo. Todos queriam ser minha dupla quando tínhamos trabalhos de estudos sociais. E todo mundo sempre ria quando eu dizia algo engraçado.

Na hora do almoço, eu sempre me sentava com minha turma e nós éramos, tipo, uma turma. Totalmente *uma turma*. Henry. Miles. Amos. Jack. Nós éramos uma turma! Era tão legal! Tínhamos um monte de piadinhas internas. Sinais com as mãos para várias coisas.

Não sei por que isso teve que mudar. Não sei por que todo mundo ficou tão idiota em relação a tudo.

Na verdade, eu *sei* por quê: foi por causa de Auggie Pullman. Foi no momento em que ele apareceu que as coisas deixaram de ser como antes. Tudo era absolutamente normal. E agora está tudo confuso. E é por causa dele.

E do Sr. Buzanfa. Na verdade, a culpa é meio que toda do Sr. Buzanfa.

O telefonema

Lembro que minha mãe fez um grande alarde por causa do telefonema do Sr. Buzanfa. Naquela noite, durante o jantar, ela não parou de falar sobre como aquilo era uma honra. O diretor do ensino fundamental II tinha ligado para perguntar se eu podia fazer parte do "comitê de boas-vindas" a um garoto novo na escola. Uau! Que novidade! Mamãe agiu como se eu tivesse ganhado um Oscar ou algo assim. Ela disse que isso provava que a escola de fato reconhecia quem eram as crianças "especiais", e isso era maravilhoso. Minha mãe nunca tinha encontrado o Sr. Buzanfa porque ele era diretor do ensino fundamental II e eu ainda estava no I, mas ela não parava de falar, toda animada, sobre como ele tinha sido gentil ao telefone.

Minha mãe sempre foi meio que uma pessoa importante na escola. Ela faz parte de um tal conselho diretor, que eu nem sei o que é, mas parece ser muito importante. Ela também sempre se voluntaria para as coisas. Tipo, ela sempre foi a mãe representante de todos os anos em que estudei na Beecher. Sempre. Ela faz muita coisa pela escola.

Então, no dia em que eu deveria fazer parte do "comitê de boas-vindas", minha mãe me deixou na porta da escola. Ela queria me levar até lá dentro, mas eu falei:

— Mãe, já estou no quinto ano!

Ela entendeu a dica e saiu com o carro antes que eu entrasse no prédio.

Charlotte Cody e Jack Will já estavam no hall de entrada e nós nos cumprimentamos. Jack e eu demos nosso aperto de mãos especial e dissemos oi para o segurança. Depois subimos para a sala do Sr. Buzanfa. Era tão estranho estar na escola sem ninguém lá!

— Cara, a gente podia andar de skate aqui dentro e ninguém ia descobrir! — falei para Jack, correndo e derrapando no chão liso do corredor, depois que o segurança não podia mais nos ver.

— Ah, é — disse Jack, mas notei que, quanto mais perto da sala do Sr. Buzanfa a gente chegava, mais quieto Jack ficava. Na verdade, ele meio que parecia que ia vomitar.

Quando estávamos chegando ao topo das escadas, ele parou.

— Não quero fazer isso! — falou.

Parei ao lado dele. Charlotte já estava lá em cima.

— Vamos! — chamou ela.

— Você não manda na gente! — respondi.

Ela balançou a cabeça e revirou os olhos. Ri e dei uma cutucada em Jack com o cotovelo. A gente adorava implicar com Charlotte Cody. Ela era sempre tão certinha!

— Isso é tão errado! — disse Jack, esfregando o rosto.

— O quê? — questionei.

— Você sabe quem é esse garoto novo? — perguntou Jack.

Neguei com a cabeça.

— Você sabe quem ele é, não sabe? — falou então para Charlotte, erguendo os olhos para ela.

Charlotte desceu as escadas até onde a gente estava.

— Acho que sim — respondeu.

Ela fez uma careta, como se tivesse acabado de provar algo ruim.

Jack balançou a cabeça e depois bateu nela três vezes com a palma da mão.

— Eu sou um idiota por ter concordado com isto! — falou, os dentes trincados.

— Peraí, quem é? — perguntei.

Empurrei o ombro de Jack para fazê-lo olhar para mim.

— É aquele menino chamado August — disse ele. — Sabe, o garoto que tem aquela cara...

Eu não tinha a menor ideia de quem ele estava falando.

— Você está de brincadeira? — disse Jack. — Você nunca viu esse menino? Ele mora no nosso bairro. Vai ao parquinho às vezes. Você tem que ter visto ele. Todo mundo já viu!

— Ele não mora nesse bairro — corrigiu Charlotte.

— Mora, sim! — retrucou Jack, impaciente.

— Não. O *Julian* não mora no bairro — disse ela, tão impaciente quanto ele.

— O que isso tem a ver? — perguntei.

— Esquece! — interrompeu Jack. — Não importa. Acredita em mim, cara, você nunca viu nada como isso.

— Por favor, Jack, não seja mau — falou Charlotte. — Isso não é legal.

— Não estou sendo mau! — retrucou Jack. — Só estou dizendo a verdade.

— Como exatamente ele é? — perguntei.

Jack não respondeu. Apenas ficou parado, balançando a cabeça. Olhei para Charlotte, que franziu a testa.

— Você vai ver — disse ela. — Agora vamos, ok?

Ela se virou, subiu de novo as escadas e sumiu no corredor que levava à sala do Sr. Buzanfa.

— Agora vamos, ok? — falei para Jack, imitando Charlotte perfeitamente. Achei que ele riria disso, mas não funcionou. — Jack, cara, vamos lá! — insisti.

Fingi dar um tapão forte na cara dele. Isso o fez rir um pouco, e ele revidou com um soco em câmera lenta. Então começamos uma rápida brincadeira de "luta", que consiste em um tentar acertar as costelas do outro.

— Vamos, meninos! — chamou Charlotte do alto das escadas. Ela tinha voltado para nos buscar.

— Vamos, meninos! — sussurrei para Jack, e dessa vez ele meio que riu.

Mas, assim que viramos no corredor e chegamos à sala do Sr. Buzanfa,

ficamos todos muito sérios.

Quando entramos, a Sra. Garcia nos mandou esperar na sala da enfermeira Molly, que era bem pequena e ficava ao lado da sala do Sr. Buzanfa. Não dissemos nada uns aos outros enquanto esperávamos. Resisti à tentação de fazer um balão com as luvas de látex que estavam na caixa ao lado da mesa de exame, embora soubesse que isso teria feito todos rirem.

O Sr. Buzanfa entrou na sala. Era alto, meio magro, com o cabelo grisalho desgrenhado.

— Oi, pessoal — disse, sorrindo. — Sou o Sr. Buzanfa. Você deve ser a Charlotte. — E apertou a mão dela. — E você é...? — perguntou, olhando para mim.

— Julian — respondi.

— Julian — repetiu, com um sorriso. Apertou a minha mão. — E você é Jack Will — falou para Jack, e apertou a mão dele também.

O Sr. Buzanfa sentou-se na cadeira ao lado da mesa da enfermeira Molly.

— Em primeiro lugar, muito obrigado por vocês terem vindo aqui hoje. Sei que está sol e calor lá fora, e vocês provavelmente gostariam de fazer outras coisas. Como tem sido o verão? Tudo bem?

Nós três meio que concordamos com a cabeça, nos entreolhando.

— E como tem sido o seu verão? — perguntei a ele.

— Que gentileza a sua perguntar, Julian! — disse ele. — Tem sido ótimo, obrigado. Embora eu esteja muito ansioso pelo outono. Detesto esse calor. — Ele puxou a camisa. — Estou prontinho para o inverno.

A essa altura, nós três balançávamos a cabeça para cima e para baixo, como idiotas. Não sei por que os adultos se dão ao trabalho de bater papo com crianças. Isso só faz a gente se sentir desconfortável. Quer dizer, pessoalmente, sou muito bom em conversar com adultos — talvez porque eu viaje bastante e já tenha falado com muitos adultos —, mas a maioria das crianças realmente não gosta disso. É assim que as coisas são. Tipo, se eu vejo o pai ou a mãe de algum colega meu e não estamos de fato *na* escola, tento evitar contato visual para não ter que falar com eles. É muito incômodo. Também é superesquisito quando você esbarra em um professor fora do colégio. Tipo, uma vez vi minha professora do terceiro ano em um restaurante com o namorado e fiquei, tipo, *eeeeca!* Não quero ver minha professora saindo por aí com o namorado, sabe?

Enfim, ali estávamos nós, eu, Charlotte e Jack, balançando a cabeça como uns imbecis enquanto o Sr. Buzanfa falava sem parar sobre o verão. Mas finalmente — *finalmente!* — ele chegou aonde queria.

— Então, crianças — disse, batendo as mãos nas coxas. — É muito legal da parte de vocês abrirem mão de sua tarde para fazer isso. Em alguns minutos vou apresentar vocês ao garoto que virá a minha sala, e só quero dar alguns avisos sobre isso antes. Bem, falei um pouco dele para as suas mães... Elas conversaram com vocês?

Charlotte e Jack disseram que sim, mas eu neguei com a cabeça.

— Minha mãe só disse que ele fez um monte de cirurgias — falei.

— Bem, é verdade — respondeu o Sr. Buzanfa. — Mas ela explicou algo sobre

o rosto dele?

Preciso confessar que foi nesse momento que comecei a pensar: “Ok, que droga estou fazendo aqui?”

— Bem, eu não sei — falei, coçando a cabeça.

Tentei me lembrar do que minha mãe tinha falado. Não havia prestado atenção. Acho que na maior parte do tempo ela falou sobre como era uma honra eu ter sido escolhido; não enfatizou que havia algo errado com o garoto.

— Ela disse que o *senhor* falou que o menino tinha um monte de cicatrizes e tal. Como se tivesse sido vítima de um incêndio.

— Eu não falei isso — corrigiu o Sr. Buzanfa, levantando as sobrancelhas. — O que eu disse a sua mãe é que o garoto tem uma anomalia craniofacial grave...

— Ah, é, isso, isso — interrompi, porque naquele momento eu lembrei. — Ela usou essa expressão. Ela disse que era como lábio leporino ou algo assim.

O Sr. Buzanfa contraiu o rosto.

— Bem — falou, dando de ombros e inclinando a cabeça ora para um lado, ora para o outro —, é um pouco mais que isso.

Ele se levantou e deu um tapinha no meu ombro.

— Lamento se não deixei isso claro para sua mãe. De todo modo, não quero que esse encontro seja constrangedor para vocês. Na verdade, é justamente por isso que estamos conversando aqui agora. Só queria avisar que esse menino sem dúvida é muito diferente das outras crianças. E isso não é segredo. Ele sabe que é diferente. Nasceu assim. Ele entende isso. É um ótimo garoto. Muito esperto. Muito gentil. Nunca frequentou uma escola normal, porque tinha aulas em casa, vocês sabem, por causa de todas as cirurgias. Então é por isso que quero que vocês o levem para dar uma volta na escola, que o conheçam, sejam seu “comitê de boas-vindas”. Se quiserem, fiquem à vontade para fazer perguntas a ele. Falem com ele normalmente. Na verdade, ele é só um garoto normal com um rosto que... vocês sabem, não é tão normal. — Ele olhou para a gente e respirou fundo. — Ah, caramba. Acho que só deixei vocês mais nervosos, não foi?

Balançamos a cabeça. Ele coçou a testa.

— Sabem — disse o Sr. Buzanfa —, uma das coisas que se aprende quando se chega a minha idade é que às vezes uma situação nova surge, e você não tem ideia do que fazer. Não existe um manual que nos diga como agir em todas as circunstâncias da vida, entendem? Então o que sempre digo é que é melhor pecar pela gentileza. Esse é o segredo. Quando você não sabe o que fazer, simplesmente seja gentil. Não tem como dar errado. E foi por isso que pedi a vocês três que me ajudassem aqui, porque suas professoras do ano passado me disseram que vocês são crianças muito legais.

Não sabíamos como responder a isso, então apenas sorrimos como patetas.

— Apenas o tratem como tratariam qualquer criança que tivessem acabado de

conhecer — disse ele. — É isso que estou tentando dizer. Ok, crianças?

Concordamos ao mesmo tempo. Idiotas.

— Vocês são demais — falou o Sr. Buzanfa. — Então relaxem, esperem um pouco aqui. A Sra. Garcia virá buscá-los em alguns minutos. — Ele abriu a porta. — E, crianças, sério, obrigado por fazerem isso. Atrai bom carma fazer o bem. É um *mitzvah*, sabiam?

Com isso, ele sorriu, deu uma piscadela e saiu da sala.

Nós três expiramos ao mesmo tempo. Olhamos uns para os outros, de olhos arregalados.

— Ok — disse Jack. — Não sei que porcaria é um carma e não tenho a menor ideia do que é um *mitzvah*!

Isso nos fez rir um pouco, embora fosse uma risada nervosa.

Primeira vista

Não vou entrar em detalhes sobre o que mais aconteceu naquele dia. Só quero dizer que, pela primeira vez na vida, Jack não tinha exagerado. Na verdade, tinha feito o oposto. Existe uma palavra que signifique o oposto de exagerar? "Desexagerar"? Não sei. Mas, com certeza, Jack *não* tinha exagerado sobre o rosto daquele garoto.

Na primeira vez que vi August, bem, tive vontade de cobrir os olhos e sair correndo e gritando. Sei que isso soa cruel, e sinto muito. Mas é verdade. E qualquer um que diga que não teve a *mesma* reação quando viu Auggie Pullman pela primeira vez não está sendo honesto. Sério.

Eu realmente queria ter ido embora assim que o vi, mas sabia que, se fizesse isso, estaria encrencado. Então fiquei olhando para o Sr. Buzanfa e tentei ouvir o que ele estava dizendo, mas tudo o que escutava era blá-blá-blá, blá-blá-blá, porque meus ouvidos queimavam. Na minha cabeça ecoava: *Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara!*

Cara! Cara! Cara! Cara! Cara!

Acho que disse essa palavra para mim mesmo umas mil vezes. Não sei por quê.

A certa altura, ele nos apresentou a Auggie. Ahh! Acho que cheguei a apertar a mão dele. Mil vezes *ahh*! Eu queria dar o fora dali o mais rápido possível e lavar a mão. Mas, antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, cruzamos a porta, descemos o corredor e subimos as escadas.

Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara! Cara!

Jack e eu nos entreolhamos enquanto subíamos para as salas de aulas. Arregalei bem os olhos e, sem emitir som, falei para ele:

— Sem chance!

Ele respondeu, também só movendo os lábios:

— Eu avisei!

Aterrorizado

Quando eu tinha mais ou menos cinco anos, lembro que estava vendo um episódio de *Bob Esponja* uma noite e passou um comercial que me deixou completamente apavorado. Faltavam poucos dias para o Halloween. Nessa época do ano, passavam muitos comerciais um pouco assustadores, mas esse era um novo terror adolescente do qual eu nunca tinha ouvido falar. De repente, enquanto eu assistia à propaganda, apareceu na tela a cara de um zumbi em close. Bem, eu fiquei totalmente aterrorizado. O tipo de terror que faz você sair correndo da sala, gritando com os braços para cima. A-TERRRRRR-RO-RI-ZAAAAAAAA-DO!

Depois daquilo, fiquei com tanto medo de ver outra vez a cara do zumbi que parei de assistir à TV até o Halloween ter passado e o filme não estar mais em cartaz nos cinemas. Sério, parei de ver TV — de *tão* assustado que estava!

Não muito tempo depois, eu estava brincando com um garoto de quem nem lembro mais o nome. E ele era muito fã de Harry Potter, então começamos a assistir a um dos filmes (eu nunca tinha visto nenhum deles). Bem, quando vi o rosto do Voldemort pela primeira vez, aconteceu a mesma coisa que tinha acontecido com o comercial de Halloween. Comecei a gritar histericamente, berrando como um bebezinho. Foi tão ruim que a mãe do garoto não conseguiu me acalmar e teve que ligar para minha mãe ir me buscar. Minha mãe ficou muito irritada com a mãe do menino por ter me deixado ver o filme, então elas acabaram discutindo, e — para resumir — nunca mais fui brincar lá. Mas, de qualquer forma, entre o comercial de zumbi no Halloween e o rosto sem nariz do Voldemort, fiquei meio abalado.

Pouco depois, infelizmente, mais ou menos na mesma época, meu pai me levou ao cinema. E, lembrem-se, eu tinha só cinco anos. Talvez seis, àquela altura. Não deveria ter sido um problema: o filme que fomos ver era de classificação livre, nada de mais, nem um pouco assustador. Mas um dos trailers foi de *Fada malvada*, um filme sobre fadas demoníacas. Eu sei: fadas são tão ridículas! E, quando penso nisso, não acredito que fiquei tão assustado com aquilo, mas entrei em pânico com o trailer. Meu pai teve que me tirar do cinema porque — mais uma vez! — eu não parava de chorar. Foi tão constrangedor! Quer dizer, medo de fadas? O que viria depois? Pôneis voadores? Bonecos do Fofão? Flocos de neve? Era loucura! Mas lá estava eu, tremendo e gritando ao sair do cinema, o rosto escondido no casaco do meu pai. Tenho certeza de que havia crianças de três anos na plateia olhando para mim como se eu fosse o maior otário!

Mas esta é a questão de ficar apavorado: não dá para controlar. Quando você tem medo, tem medo. E, quando você tem medo, tudo parece mais assustador do que deveria ser — até as coisas que não são. Tudo que dá medo meio que se

mistura para criar esse grande sentimento de pânico. É como se você estivesse coberto pela manta do medo, e essa manta fosse feita de cacos de vidro, cocô de cachorro, pus e espinhas sangrentas de zumbi.

Comecei a ter pesadelos terríveis. Todas as noites eu acordava gritando. Cheguei ao ponto de ter medo de ir dormir porque não queria ter outro pesadelo, então comecei a dormir na cama dos meus pais. Gostaria de dizer que foi apenas por algumas noites, mas durou seis semanas. Eu não os deixava apagar a luz. Tinha um ataque de pânico toda vez que começava a ficar com sono. Quer dizer, as mãos começavam a suar de verdade, o coração disparava, e eu começava a chorar e a gritar antes de ir para a cama.

Meus pais me levaram a uma médica de "sentimentos", e só mais tarde entendi que era uma psicóloga especializada em crianças. A Dra. Patel me ajudou um pouco. Ela disse que eu estava tendo "terrores noturnos", e isso me ajudou a conversar com ela sobre o assunto. Mas acho que o que me fez superar mesmo os pesadelos foram os vídeos de natureza do Discovery Channel que minha mãe trouxe para mim um dia. Uhul para esses vídeos! Todas as noites, colocávamos um deles no aparelho de DVD, e eu pegava no sono ao som de um cara com sotaque inglês falando sobre suricatos, coalas ou águas-vivas.

Por fim, superei os pesadelos. Tudo voltou ao normal. Mas de vez em quando eu tinha o que minha mãe chamava de "pequena recaída". Por exemplo, embora eu adore *Star Wars* agora, na primeira vez que vi *Star Wars: Episódio II*, em uma festa do pijama de aniversário quando eu tinha oito anos, tive que mandar uma mensagem para minha mãe ir me buscar às duas da manhã, porque eu não conseguia dormir: sempre que fechava os olhos, o rosto de Darth Sidious surgia na minha mente. Precisei de três semanas de vídeos de natureza para me recuperar dessa recaída (e depois disso também parei de dormir na casa dos meus amigos por mais ou menos um ano). Então, quando eu tinha nove anos, vi *O Senhor dos Anéis: As duas torres* pela primeira vez e aconteceu a mesma coisa, só que dessa vez levei apenas uma semana para superar o Gollum.

Quando fiz dez anos, no entanto, todos esses pesadelos já tinham praticamente desaparecido. Eu já tinha superado até o medo de ter pesadelos. Tipo, se eu estivesse na casa do Henry e ele dissesse "Ei, vamos assistir a um filme de terror", minha primeira reação não seria pensar: "Não, eu posso ter um pesadelo!" (como costumava ser). Minha primeira reação seria: "Ah, legal! Cadê a pipoca?" Enfim eu podia ver todos os tipos de filme outra vez. Até comecei a me interessar por apocalipse zumbi, e nada disso me incomodava mais. Essa coisa de pesadelo tinha ficado para trás.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

Mas aí, na noite depois de conhecer Auggie Pullman, voltei a ter pesadelos. Não dava para acreditar. Não eram apenas sonhos ruins passageiros, mas aqueles pesadelos completos, de acordar gritando com o coração disparado, que eu tinha

quando era pequeno. Só que eu não era mais pequeno.

Estava no quinto ano! Tinha onze anos! Isso não deveria mais estar acontecendo comigo!

Mas lá estava eu outra vez — assistindo a vídeos de natureza para me ajudar a dormir.

Foto de turma

Tentei descrever Auggie para minha mãe, mas ela não entendeu até as fotos da escola chegarem por correio. Até então, ela nunca tinha visto August. Estava viajando a trabalho durante o Festival de Ação de Graças, por isso não o viu lá. No Dia do Museu Egípcio, o rosto dele estava coberto por faixas de gaze, que nem uma múmia. E ainda não tinha acontecido nenhum show depois da aula. Então, a primeira vez que minha mãe viu Auggie e *finalmente* começou a entender meus pesadelos foi quando abriu o envelope grande com a foto da minha turma.

Na verdade, foi meio engraçado. Posso dizer exatamente como foi sua reação, porque estava olhando para ela na hora. Primeiro, rasgou a parte de cima do envelope, toda animada, com um abridor de cartas. Depois pegou meu retrato individual. Levou a mão ao peito.

— Ooohn, Julian, você está tão bonito! Estou tão feliz por você ter usado a gravata que sua Grandmère mandou.

Eu estava tomando sorvete na mesa da cozinha, então apenas sorri para ela e concordei.

Em seguida vi quando ela tirou do envelope a foto da turma. No ensino fundamental I, cada turma posava para uma foto com a própria professora, mas no ensino fundamental II é apenas uma foto com todas as turmas de quinto ano: sessenta crianças de pé em frente ao portão da escola. Quinze em cada fileira. Quatro fileiras. Eu estava na última, entre Amos e Henry.

Mamãe olhava para a foto com um sorriso no rosto.

— Ah, aí está você! — falou ela quando me viu.

Continuou olhando para a foto, sorrindo.

— Meu Deus, veja como Miles está grande! E esse é o Henry? Parece que o bigode dele está começando a crescer! E quem é…

Aí ela parou de falar. O sorriso ficou congelado no rosto dela por um ou dois segundos, e então sua expressão se transformou aos poucos em choque.

Ela baixou a foto e olhou para a frente, vidrada. Então voltou a olhar para a foto.

Depois se virou para mim. Não estava sorrindo.

— Esse é o menino de que você tem falado? — perguntou.

Seu tom de voz tinha se transformado completamente.

— Eu avisei — respondi.

Ela voltou a olhar para a fotografia.

— Isso não é só um lábio leporino.

— Ninguém nunca disse que *era* lábio leporino — falei. — O Sr. Buzanfa nunca disse isso.

— Disse, sim. Ao telefone, naquela vez.

— Não, mãe — insisti. — O que ele disse foi “problemas faciais”, e você deduziu que ele quis dizer lábio leporino. Mas ele nunca disse isso de verdade.

— Eu poderia jurar que ele falou que o garoto tinha lábio leporino — rebateu ela. — Mas isso é muito pior.

Ela parecia estar mesmo impressionada. Não tirava os olhos da foto.

— O que exatamente ele tem? Algum atraso de desenvolvimento? Parece que sim.

— Acho que não — respondi, dando de ombros.

— Ele fala direito?

— Ele meio que murmura — respondi. — Às vezes é difícil de entender.

Mamãe deixou a foto na mesa e se sentou. Começou a tamborilar no tampo da mesa.

— Estou tentando adivinhar quem é a mãe dele — falou, balançando a cabeça. — Há tantos pais de alunos novos na escola, não imagino quem seja. Ela é loura?

— Não, tem cabelo escuro — respondi. — Eu a vejo às vezes, quando ela deixa August na escola.

— Ela é... como o filho?

— Ah, não. Não mesmo.

Eu me sentei ao lado da minha mãe e peguei a foto, espremendo os olhos para não ver com muita clareza. Auggie estava na fileira da frente, na ponta esquerda.

— Eu falei para você, mãe. Você não acreditou, mas eu falei.

— Não é que eu não tenha acreditado em você — respondeu ela, na defensiva. — Eu só estou meio... surpresa. Não tinha me dado conta de que era tão grave assim. Ah, acho que sei quem é ela, a mãe dele. Ela não é muito bonita, meio exótica, com o cabelo escuro e ondulado?

— O quê? — falei, dando de ombros. — Não sei. Ela é uma mãe.

— Acho que sei quem é — disse minha mãe, assentindo para si mesma. — Eu a vi no encontro de pais. O marido é bonito também.

— Não tenho a menor ideia — falei, balançando a cabeça.

— Ah, coitados! — disse, levando a mão ao coração.

— Agora você entende por que voltei a ter pesadelos?

Ela passou a mão pelo meu cabelo.

— Mas você ainda tem pesadelos? — perguntou.

— Tenho. Não todas as noites, como no primeiro mês de aulas, mas tenho, sim! — falei, jogando a foto na mesa. — Por que ele teve que entrar na Beecher Prep?

Olhei para minha mãe, que não sabia o que dizer. Ela guardou a foto de volta no envelope.

— Aliás, nem pense em botar isso no meu álbum de fotos da escola — falei, elevando a voz. — Você devia queimar essa foto ou algo assim.

— Julian! — exclamou ela.

Então, do nada, comecei a chorar.

— Ah, meu querido! — disse mamãe, meio surpresa.

Ela me abraçou.

— Não consigo evitar, mãe — falei, em meio às lágrimas. — Detesto ter que ver Auggie todos os dias!

Naquela noite, tive o mesmo pesadelo que vinha tendo desde o início das aulas: ando pelo corredor principal da escola e todas as crianças estão em frente aos seus armários, me encarando, cochichando sobre mim quando passo por elas. Subo as escadas até chegar ao banheiro, e aí me olho no espelho. Mas, quando olho meu reflexo, não sou eu que vejo. É Auggie. E então grito.

Na manhã seguinte, ouvi meus pais conversarem enquanto se arrumavam para o trabalho. Eu estava me vestindo para ir à escola.

— Eles deveriam ter preparado melhor as crianças — disse minha mãe. — A escola deveria ter mandado uma carta para a casa ou algo assim, não sei.

— Ora, por favor — rebateu meu pai. — Dizendo o quê? O que poderiam dizer? Tem um garoto feio na sua turma? Ora, por favor!

— É muito mais do que isso.

— Não vamos exagerar, Melissa.

— Você não o viu, Jules — falou minha mãe. — É muito grave. Os pais deveriam ter sido avisados. Eu deveria ter sido avisada! Ainda mais com os problemas de ansiedade do Julian.

— Problemas de ansiedade? — gritei do meu quarto, correndo para o deles. — Vocês acham que eu tenho problemas de ansiedade?

— Não, Julian — falou meu pai. — Ninguém está dizendo isso.

— A mamãe acabou de dizer! — rebati, apontando para ela. — Acabei de ouvir ela falar “problemas de ansiedade”. O que foi, vocês acham que tenho problemas mentais?

— Não! — disseram os dois.

— Só porque tenho pesadelos?

— Não! — gritaram eles.

— A culpa não é minha se ele estuda na minha escola! — berrei. — Não tenho culpa se o rosto dele me dá medo!

— Claro que não tem, querido — disse minha mãe. — Ninguém está falando isso. Só quis dizer que, por causa do seu histórico de pesadelos, a escola deveria ter me alertado. Dessa forma, pelo menos eu entenderia melhor o motivo dos seus pesadelos recentes. Saberia o que os desencadeou.

Eu me sentei na beira da cama deles. Meu pai estava com a foto da turma nas mãos e era óbvio que estava olhando para ela.

— Espero que vocês estejam pensando em queimar isso — falei, sem brincadeira.

— Não, querido — disse minha mãe, sentando-se a meu lado. — Não precisamos queimar nada. Veja o que eu fiz.

Ela pegou outra foto na mesinha de cabeceira e me entregou. De início, achei que fosse apenas uma cópia da foto de turma, porque era exatamente do mesmo tamanho e tudo na imagem era igualzinho. Comecei a desviar o olhar com nojo, mas minha mãe indicou um ponto na imagem — o ponto onde Auggie deveria estar! Ele não aparecia na foto.

Eu mal podia acreditar! Não havia nem sinal dele!

Olhei para mamãe, que estava radiante.

— A magia do Photoshop! — disse, alegre, batendo palmas. — Agora você pode olhar a foto e sua memória do quinto ano não vai ficar manchada.

— Isso é tão legal! — falei. — Como você conseguiu?

— Sou muito boa no Photoshop — respondeu ela. — Lembra, no ano passado, como fiz o céu ficar azul em todas as fotos do Havaí?

— Ninguém diria que choveu todos os dias — falou meu pai, balançando a cabeça.

— Ria se quiser — rebateu minha mãe. — Mas agora, quando olho para aquelas fotos, não tenho que me lembrar do tempo ruim que quase estragou nossa viagem. Posso me lembrar dela como as lindas férias que foram! E é exatamente assim que quero que você se lembre de seu quinto ano na Beecher Prep. Ok, Julian? Boas lembranças. Nada de lembranças ruins.

— Obrigado, mamãe! — falei, dando um abraço apertado nela.

Não falei nada, claro, mas, apesar de ela ter mudado o céu para azul-claro nas fotos, a única coisa de que me lembrava da viagem ao Havaí era como chovia e fazia frio enquanto estávamos lá — mesmo com a mágica do Photoshop.

Cruel

Olhe, eu não comecei sendo cruel. Quer dizer, não sou um garoto mau! Claro, às vezes faço brincadeiras, mas não são cruéis. São apenas gozações. As pessoas têm que relaxar um pouco! Ok, talvez às vezes minhas brincadeiras sejam um pouco cruéis, mas só faço esse tipo de brincadeira quando a pessoa não está vendo. Nunca digo na cara nada que possa magoar alguém. Não sou um valentão desse tipo! Não faço bullying, cara!

Atenção, pessoas! Parem de ser tão sensíveis!

Alguns amigos aprovaram todo o lance do Photoshop, e outros, não. Henry e Miles acharam muito legal e quiseram que minha mãe mandasse a foto por e-mail para as mães deles. Amos achou que era "esquisito". Charlotte foi totalmente contra. Não sei o que Jack achou, porque a essa altura ele já tinha passado para o lado negro da força. Parecia que ele tinha abandonado de vez seus amigos naquele ano e só andava com Auggie. Isso me incomodou, porque significava que eu não podia mais andar com ele. De jeito nenhum que eu pegaria a "peste" daquele monstro. Esse foi o nome do jogo que inventei. A Peste. Era simples. Se você tocasse em Auggie e não se lavasse da contaminação, morreria. Todo mundo do quinto ano jogava. Menos Jack.

E Summer.

E isso é estranho. Eu conhecia Summer desde o terceiro ano, e nunca tinha prestado atenção nela, mas nesse ano Henry tinha começado a gostar de Savanna e eles estavam meio que "namorando". Por "namorando" não quero dizer nada como no ensino médio, o que seria tão nojento quanto vômito. Estar "namorando" significa apenas andar juntos, se encontrar nos armários e às vezes ir à sorveteria na avenida Amesfort depois da escola. Então, primeiro Henry começou a namorar Savanna, e depois Miles começou a namorar Ximena. E eu fiquei meio "Ei, e eu?". Aí Amos disse "Vou chamar Summer para sair", e eu falei "Nem pensar, eu que vou!". E foi assim que eu meio que comecei a gostar de Summer.

Mas o problema foi que Summer, assim como Jack, era do grupo de Auggie. Isso significava que eu não podia sair com ela de jeito nenhum. Eu não podia nem dizer "E aí?" para ela, porque o monstro podia achar que eu estava falando com ele ou algo assim. Então pedi ao Henry que falasse com a Savanna para convidar a Summer para a festa de Halloween na casa dela. Achei que poderia passar um tempo com ela e talvez até chamá-la para sair comigo. Mas isso não funcionou, porque ela acabou saindo cedo da festa. E desde então ela passou todo o tempo com o monstro.

Ok, ok. Sei que não é legal chamar Auggie de "o monstro", mas, como eu disse antes, as pessoas têm que começar a ser um pouco menos sensíveis! É só uma piada, gente! Não me levem tão a sério! Não estou sendo cruel. Só engraçado.

E era só isso que eu estava fazendo, sendo muito engraçado, no dia em que Jack Will me deu um soco. Eu só estava brincando! Implicando.

Eu não esperava *mesmo* por aquilo!

Pelo que me lembro, estávamos nos divertindo juntos e, de repente, ele me acertou na boca sem motivo algum! Pof!

E eu falei, tipo:

— Aaaaaai! Seu maluco idiota! Você me deu um soco? Você realmente me deu um soco?

Quando me dei conta, estava na sala da enfermeira Molly, com um dos meus dentes na mão, e o Sr. Buzanfa estava lá, e eu o ouvi ao telefone com minha mãe, dizendo que eles iam me levar para o hospital. Dava para ouvir minha mãe gritando do outro lado da linha. Então a Sra. Rubin, a coordenadora, me pôs na traseira de uma ambulância e partimos para o hospital! Uma loucura!

Quando estávamos na ambulância, a Sra. Rubin me perguntou se eu sabia por que o Jack tinha me batido. Eu disse: "Dã, porque ele é completamente louco!" Não que eu conseguisse falar muito, porque meus lábios estavam inchados e tinha sangue em toda a minha boca.

A Sra. Rubin ficou comigo no hospital até minha mãe chegar. Como você pode imaginar, mamãe estava mega-histérica. Chorava dramaticamente sempre que olhava para meu rosto. Tenho que confessar: foi um pouco constrangedor.

Então meu pai apareceu.

— Quem fez isso? — foi a primeira coisa que ele disse, berrando com a Sra. Rubin.

— Jack Will — respondeu ela, com tranquilidade. — Ele está com o Sr. Buzanfa agora.

— Jack Will? — gritou minha mãe, em choque. — Nós conhecemos os Will! Como isso aconteceu?

— Faremos uma investigação completa — respondeu a Sra. Rubin. — No momento, o mais importante é que Julian vai ficar bem...

— Bem? — berrou minha mãe. — Olhe para o rosto dele! Você acha que isso está bem? Não acho que esteja bem. Isso é um absurdo. Que tipo de escola é essa? Achei que as crianças não se socassem em uma escola como a Beecher Prep. Achava que era por isso que pagamos quarenta mil dólares por ano, para que nossos filhos não se machuquem.

— Sra. Albans — interrompeu a Sra. Rubin —, sei que a senhora está chateada...

— Imagino que esse garoto vá ser expulso, certo? — questionou meu pai.

— Pai! — gritei.

— Prometo que vamos lidar com o caso da forma apropriada — respondeu a Sra. Rubin, tentando manter a voz calma. — E agora, se não se importam, vou deixá-los sozinhos. O médico vai voltar e vocês poderão confirmar com ele, mas

ele disse que não há nenhum osso quebrado. Julian está bem. Ele perdeu um dente de leite, um molar, mas já estava para cair mesmo. Vão dar alguns analgésicos para ele e vocês deverão aplicar gelo no local. Conversaremos mais pela manhã.

Só então percebi que a saia e a blusa da pobre Sra. Rubin estavam cobertas com meu sangue. Cara, a boca sangra demais!

Mais tarde naquela noite, quando enfim consegui falar sem sentir dor, minha mãe e meu pai quiseram saber o que aconteceu nos mínimos detalhes, começando com o que eu e Jack estávamos conversando logo antes de ele me bater.

— Jack extava chateado porque fex dupla com o garoto deformado — respondi. — Falei que ele podxia trocar de dupla se quixesse. E aí ele me deu um xoco!

Mamãe balançou a cabeça. Para ela, foi a gota d'água. Ela estava, literalmente, mais furiosa do que eu jamais tinha visto (e, pode acreditar, já vi minha mãe muito furiosa!).

— É isso que acontece, Jules! — falou ela para meu pai, cruzando os braços e balançando a cabeça muito depressa. — É isso que acontece quando você obriga crianças pequenas a lidar com situações para as quais não estão preparadas! Eles são novos demais para serem expostos a coisas assim! Aquele Buzanfa é um *idiota*!

Ela disse mais um monte de coisas, mas eram do tipo inapro-pro-pri... (se é que você me entende) para eu repetir.

— Mas, pai, não quero que Jack seja expulxo da excola — falei, mais tarde, quando ele estava colocando mais gelo na minha boca, porque o efeito do remédio que tinham me dado no hospital estava passando.

— Isso não está nas nossas mãos — respondeu ele. — Mas, se eu fosse você, não me preocuparia com isso. Aconteça o que acontecer, Jack sofrerá as consequências.

Tenho que admitir que comecei a me sentir mal por Jack. Quer dizer, claro que ele foi um completo idiota por me bater, e eu queria que ele se encrencasse — mas não que fosse expulso da escola nem nada assim.

Mas dava para ver que mamãe agora estava em uma de suas missões (como meu pai diria). Às vezes ela fica assim, quando se sente tão indignada com alguma coisa que nada é capaz de detê-la. Ela ficou assim há alguns anos, quando uma criança foi atropelada por um carro a algumas quadras da Beecher Prep, e ela fez tipo um milhão de pessoas assinarem uma petição para a instalação de um sinal de trânsito. Aquele foi um momento supermãe. Ela também ficou assim no mês passado, quando nosso restaurante favorito mudou o cardápio e passou a não servir mais meu prato preferido do jeito que eu gostava. Foi outro momento supermãe porque, depois de falar com o novo proprietário,

eles concordaram em fazer o prato de um jeito especial — só para mim! Mas minha mãe também fica assim por coisas não tão legais, como quando um garçom erra o nosso pedido. Esse é um momento não-tão-supermãe, porque, bem, você sabe, pode ser meio estranho quando sua mãe começa a falar com o garçom como se ele tivesse cinco anos. *Constrangedor!* Além disso, como papai diz, você não vai querer deixar um garçom zangado, sabe? A *sua* comida está nas mãos *dele* — dã!

Então eu não sabia muito bem como me sentia quando me dei conta de que minha mãe estava declarando guerra ao Sr. Buzanfa, a Auggie Pullman e a toda a Beecher Prep. Seria um momento supermãe ou não-tão-supermãe? Tipo, podia terminar com Auggie indo para outra escola — uhul! — ou com o Sr. Buzanfa assoando o nariz no meu lanche da cantina — eca!

Levou quase duas semanas para o inchaço sumir. Por conta disso, acabamos não indo a Paris durante as férias de fim de ano. Minha mãe não queria que nossos parentes me vissem como se eu tivesse participado de uma “luta de boxe”. Ela também não tirou nenhuma foto minha nas férias porque dizia que não queria se lembrar de mim daquele jeito. Para nosso cartão de Natal, usamos uma das fotos rejeitadas da sessão do ano anterior.

Embora eu já não tivesse mais tantos pesadelos, o fato de eles terem voltado deixou minha mãe muito preocupada. Eu sabia que ela estava completamente estressada com isso. Então, no dia anterior a nossa festa de Natal, ela ficou sabendo por outra mãe que Auggie não havia passado pelos mesmos testes de admissão que todos nós. Todas as crianças que se inscrevem para a Beecher Prep devem ser entrevistadas e fazer um teste na escola — mas alguma exceção fora aberta para Auggie. Ele não havia ido à escola para a entrevista e fizera os testes de admissão em casa. Minha mãe achou isso muito injusto!

— Esse garoto não deveria ter entrado na escola — disse ela para um grupo de outras mães na festa. — A Beecher Prep simplesmente não está preparada para lidar com situações como esta! Não somos uma escola inclusiva! Não temos os psicólogos necessários para lidar com o efeito disso sobre as outras crianças. O coitado do Julian teve pesadelos durante um mês inteiro!

Ai, mãe! Detesto quando você conta aos outros sobre meus pesadelos.

— Henry também ficou perturbado — disse a mãe dele, e as outras concordaram.

— Eles nem nos prepararam com antecedência! — prosseguiu minha mãe. — É isso que mais me incomoda. Se não vão providenciar apoio psicológico extra, que ao menos avisem aos pais a tempo!

— Claro! — disse a mãe de Miles, e as outras concordaram de novo.

— É óbvio que Jack Will precisa de terapia — falou minha mãe, revirando os olhos.

— Fiquei surpresa que ele não tenha sido expulso — comentou a mãe de Henry.

— Ah, ele seria! — respondeu minha mãe. — Mas pedimos que não fizessem isso. Conhecemos a família Will desde o jardim de infância. São boas pessoas. Na verdade, não culpamos o Jack. Só acho que ele surtou por causa da pressão de ter que cuidar daquele garoto. É o que acontece quando se põem crianças pequenas nesse tipo de situação. Sinceramente, não sei o que o Buzanfa estava pensando!

— Me desculpem, mas tenho que me meter — disse outra mulher (acho que foi a mãe da Charlotte, porque tinha o mesmo cabelo louro brilhoso e os mesmos olhos azuis). — Não há nada de errado com esse menino, Melissa. Ele é um

ótimo garoto, que simplesmente tem uma *aparência* diferente, mas...

— Ah, eu sei! — respondeu minha mãe, levando a mão ao coração. — Ah, Brigit, ninguém está dizendo que ele não é um bom garoto, acredite. Tenho certeza de que é. E ouvi dizer que os pais dele são ótimos. A questão não é essa. Para mim, em última análise, o problema foi que o Buzanfa não seguiu o protocolo. Ele claramente ignorou o processo de inscrição ao não chamar o garoto à Beecher Prep para a entrevista ou para fazer o teste, como todos os nossos filhos. Quebrou as regras. E regras são regras. É isso. — Ela olhou para Brigit com uma expressão triste. — Ah, Brigit, querida. Dá para ver que você discorda completamente dessa visão!

— Não, Melissa, de forma alguma — falou a mãe de Charlotte, balançando a cabeça. — É uma situação muito difícil. Olhe, o fato é que seu filho levou um soco no rosto. Você tem todo o direito de ficar zangada e exigir algumas respostas.

— Obrigada. — Minha mãe assentiu e cruzou os braços. — Só acho que lidaram muito mal com tudo, só isso. E a culpa é do Buzanfa. Toda dele.

— Sem dúvida — concordou a mãe de Henry.

— Ele tem que ir embora — falou a mãe de Miles.

Olhei para minha mãe, cercada por mulheres concordando com ela, e pensei: "Ok, então talvez este acabe sendo um daqueles momentos supermãe." Talvez tudo que ela estivesse fazendo resultasse na mudança de Auggie para outra escola, e então as coisas voltariam a ser como antes na Beecher Prep. Isso seria incrível!

Mas parte de mim pensava: "Talvez este se torne um momento não-tão-supermãe." Quer dizer, algumas coisas que ela estava dizendo soavam meio... não sei. Meio cruéis, acho. Como quando ela fica irritada com um garçom. Você acaba sentindo pena do garçom. A questão é: sei que ela está nessa missão contra o Sr. Buzanfa por minha causa. Se eu não tivesse voltado a ter pesadelos, e se Jack não tivesse me dado um soco, nada disso estaria acontecendo. Ela não estaria criando todo esse caso por causa do Auggie ou do Sr. Buzanfa, e concentraria toda a sua energia em coisas boas, como arrecadar dinheiro para a escola e trabalhar como voluntária no abrigo para os sem-teto. Minha mãe faz coisas boas como essas o tempo todo!

Então, não sei. Por um lado, fico feliz que ela tente me ajudar. E, por outro, eu adoraria que ela parasse.

Grupo do Julian

O que mais me chateou quando voltamos às aulas depois das férias de fim de ano foi que Jack estava amigo de Auggie outra vez. Eles tinham meio que brigado depois do Halloween, e foi por isso que Jack e eu havíamos nos unido de novo. Mas, depois das férias, eles voltaram a ser melhores amigos.

Isso era tão chato!

Falei para todo mundo que a gente precisava dar um gelo em Jack, para seu próprio bem. Ele tinha que escolher, de uma vez por todas, se queria ficar no Grupo do Auggie ou no Grupo do Julian e do Resto do Mundo. Então começamos a ignorar Jack completamente: não falávamos com ele nem respondíamos às suas perguntas. Era como se ele não existisse.

Ele ia ver só!

E foi quando comecei a deixar meus bilhetinhos. Um dia, alguém esqueceu um bloco de post-its em um dos bancos do pátio, e foi isso que me deu a ideia. Escrevi com uma caligrafia de psicopata:

Ninguém gosta mais de você!

Passei o bilhete pelas frestas do armário de Jack quando ninguém estava olhando. Observei pelo canto do olho quando ele o encontrou. Jack se virou e viu Henry abrindo o armário dele ali por perto.

— Foi o Julian que escreveu isto? — perguntou ele.

Mas Henry era um dos meus parceiros, sabe? Ele apenas deu gelo no Jack, fingindo que não tinha ninguém falando com ele. Jack amassou o papel, jogou-o no armário e bateu a porta.

Depois que Jack saiu, eu me aproximei de Henry.

— Uhul! — falei, levantando o mindinho e o indicador para formar dois chifrinhos, e Henry riu.

Nos dias seguintes, deixei mais alguns bilhetes no armário de Jack. E depois comecei a deixar alguns para Auggie.

Não eram — repito, *não eram* — grande coisa. Eram basicamente bobagens. Não achei que ninguém fosse levar isso a sério. Quer dizer, eles eram até meio engraçados!

Bem, mais ou menos. Pelo menos alguns deles eram.

Você fede a queijo estragado!
Seu monstro!
Dê o fora da nossa escola, ogro!

Ninguém além de Henry e Miles sabia que eu era o autor dos bilhetes. E eles juraram que guardariam segredo.

A sala do Dr. Jansen

Não tenho a menor ideia de como o Sr. Buzanfa ficou sabendo deles. Não acho que Jack ou Auggie tenham sido burros o bastante para me dedurar, porque eles tinham começado a deixar bilhetes no meu armário também. Quer dizer, quão estúpido você tem que ser para dedurar alguém de alguma coisa que você também está fazendo?

Então, foi isto que aconteceu: alguns dias antes do acampamento da escola, que eu esperava ansiosamente, minha mãe recebeu um telefonema do Dr. Jansen, o reitor da Beecher Prep. Ele disse que queria discutir um assunto com ela e meu pai e marcou uma reunião.

Mamãe deduziu que provavelmente tinha a ver com o Sr. Buzanfa, que talvez ele fosse demitido. Então ela estava muito animada com a reunião!

Eles apareceram para o compromisso às dez da manhã e estavam esperando na sala do Dr. Jansen quando, de repente, me viram entrando na sala também. A Sra. Rubin tinha me tirado da aula, pedido que eu a acompanhasse e me levado até lá: eu não fazia ideia do que havia acontecido. Eu nunca tinha ido à sala do reitor, então, quando vi meus pais ali, fiquei tão confuso quanto eles.

— O que está acontecendo? — perguntou mamãe à Sra. Rubin.

Antes que ela pudesse responder qualquer coisa, o Sr. Buzanfa e o Dr. Jansen entraram na sala.

Todos se cumprimentaram com apertos de mãos, cheios de sorrisos. A Sra. Rubin disse que precisava voltar à aula, mas que ligaria para minha mãe e meu pai depois para ver como estavam as coisas. Isso deixou minha mãe surpresa. Percebi que ela começou a achar que, no fim das contas, talvez aquilo não tivesse a ver com a demissão do Sr. Buzanfa.

Então o Dr. Jansen nos convidou a sentar no sofá em frente à mesa dele. O Sr. Buzanfa sentou-se em uma cadeira perto de nós, e o Dr. Jansen se acomodou atrás de sua mesa.

— Bem, obrigado por terem vindo, Melissa e Jules — falou para meus pais.

Era estranho ouvi-lo chamando meus pais pelo nome. Eu sabia que eles se conheciam por fazerem parte do conselho diretor, mas soava esquisito.

— Sei como são ocupados. E tenho certeza de que estão se perguntando por que foram chamados.

— Bem, sim... — começou minha mãe, mas a voz dela falhou.

Meu pai tossiu, cobrindo a boca com a mão. O Dr. Jansen continuou:

— O motivo para termos chamado vocês aqui hoje é que, infelizmente, estamos com um problema sério e gostaríamos de discutir a melhor forma de resolvê-lo. Julian, você tem alguma ideia do que estou falando?

Ele olhou para mim. Arregalei os olhos.

— Eu? — Joguei a cabeça para trás e fiz uma careta. — Não.

O Dr. Jansen sorriu e suspirou ao mesmo tempo. Tirou os óculos.

— Você sabe — disse, olhando para mim — que levamos o bullying muito a sério na Beecher Prep. Há uma política de tolerância zero a qualquer tipo de bullying. Acreditamos que cada um de nossos alunos tem o direito de aprender em uma atmosfera de cuidado e respeito...

— Desculpem-me, mas será que alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? — interrompeu minha mãe, olhando com impaciência para o Dr. Jansen. — É claro que conhecemos a declaração de missão da escola, Hal: nós praticamente a escrevemos! Vamos direto ao ponto: o que está havendo?

O Dr. Jansen olhou para o Sr. Buzanfa.

— Por que você não explica, Larry? — sugeriu.

O Sr. Buzanfa entregou um envelope a meus pais. Mamãe o abriu e pegou os três últimos bilhetes que eu tinha deixado no armário de Auggie. Eu soube na mesma hora que eram eles porque eram post-its cor-de-rosa, e não amarelos como todos os anteriores.

Então pensei: “Arrá! Foi o Auggie quem contou ao Sr. Buzanfa sobre os bilhetes! Que sacana!”

Minha mãe leu os bilhetes depressa, arqueou as sobrancelhas e os passou para meu pai. Ele os leu e olhou para mim.

— Foi você que escreveu isto, Julian? — perguntou, estendendo os papéis para mim.

Engoli em seco. Olhei para ele meio vidrado. Ele me entregou os bilhetes, mas eu só fiquei olhando para eles.

— Hum... bem... — respondi. — Sim, eu acho. Mas, pai, *eles* também deixaram bilhetes!

— Quem deixou bilhetes? — papai quis saber.

— Jack e Auggie. Eles deixaram bilhetes para mim também! Não fui só eu.

— Mas foi você quem começou com isso, não foi? — indagou o Sr. Buzanfa.

— Com licença — interveio minha mãe, com raiva. — Não vamos nos esquecer de que foi Jack Will quem deu um soco na boca de Julian, e não o contrário. É claro que haveria um resquício de raiva...

— Quantos bilhetes desses você escreveu, Julian? — interrompeu meu pai, batendo com o dedo nos bilhetes que eu segurava.

— Não sei — falei. Era difícil fazer as palavras saírem. — Uns seis, mais ou menos. Mas os outros não eram assim tão... você sabe, maus. Esses são piores do que os outros que escrevi. Os outros não eram tão... — Minha voz foi sumindo enquanto eu relia o que tinha escrito naqueles três bilhetes:

Oi, Darth Horrível. Você é tão feio que deveria usar uma máscara todos os dias!

E:

Odeio vc, monstro!

E o último:

Aposto que sua mãe queria que você não tivesse nascido. Você deveria fazer um favor a todo mundo... e morrer.

Claro que, olhando para eles agora, pareciam muito piores do que quando eu os escrevi. Mas eu estava com raiva na hora — com muita raiva. Tinha acabado de receber um dos bilhetes e...

— Espere aí! — falei, colocando a mão no bolso. Encontrei o último bilhete que Auggie e Jack tinham deixado no meu armário, na véspera. Tinha ficado meio amassado, mas estendi o bilhete para o Sr. Buzanfa ler. — Veja! Eles

também escreveram coisas cruéis para mim!

O diretor olhou o post-it, leu depressa e o entregou a meus pais. Minha mãe leu e depois desviou os olhos para o chão. Meu pai leu e balançou a cabeça, desconcertado.

Ele me passou o bilhete e eu o reli.

Julian, você é tão gato! A Summer não gosta de você, mas eu quero ser a mãe dos seus filhos! Cheira meu sovaco! Com amor, Beulah.

— Quem diabos é Beulah? — perguntou meu pai.

— Esquece — respondi. — Não dá para explicar.

Entreguei o bilhete ao Sr. Buzanfa de novo, que o passou para o Dr. Jansen ler. Notei que ele estava tentando esconder um sorriso.

— Julian — disse o Sr. Buzanfa —, o conteúdo dos três bilhetes que você escreveu nem de longe se compara com o deste que recebeu.

— Não acho que caiba a ninguém julgar a semântica de um bilhete — disse minha mãe. — Não importa se *você* acha que um bilhete é pior que o outro... O que importa é como que a pessoa que recebe o bilhete o lê. O fato é que Julian passou o ano todo gostando dessa menina, Summer, e isso provavelmente feriu os sentimentos dele...

— Mãe! — gritei, cobrindo o rosto com as mãos. — Que vergonha!

— Só estou dizendo que um bilhete pode magoar uma criança, quer *você* enxergue isso ou não — falou ela para o Sr. Buzanfa.

— Você está brincando comigo? — rebateu o Sr. Buzanfa, balançando a cabeça. Ele parecia mais zangado do que eu jamais o vira. — A senhora não acha os bilhetes que seu filho escreveu absolutamente horríveis? Porque eu acho!

— Não estou defendendo os bilhetes! — respondeu minha mãe. — Só estou lembrando a você que essa é uma via de mão dupla. Você tem que entender que, sem dúvida, Julian escreveu esses bilhetes em reação a alguma coisa.

— Olhe — interveio o Dr. Jansen, estendendo uma das mãos à frente, como se fosse um guarda de trânsito. — Não há dúvida de que há uma história por trás disso.

— Esses bilhetes feriram meus sentimentos — falei, e não me importei com o fato de minha voz ter saído como se eu fosse chorar.

— Não duvido que os bilhetes tenham ferido seus sentimentos, Julian — respondeu o Dr. Jansen. — E você estava tentando ferir os deles. Este é o problema com esse tipo de coisa: um fica tentando superar o outro, e a situação acaba saindo de controle.

— Exatamente! — disse minha mãe, quase gritando.

— Mas o fato — retomou o Dr. Jansen, erguendo um dedo — é que existe um limite, Julian. Existe um limite. E seus bilhetes o ultrapassaram. Eles são completamente inaceitáveis. Se Auggie tivesse lido esses bilhetes, como acha que ele teria se sentido?

Ele estava me olhando de um jeito tão intenso que tive vontade de desaparecer debaixo do sofá.

— O senhor quer dizer que ele não leu? — perguntei.

— Não — disse o Dr. Jansen. — Graças aos céus alguém contou ao Sr. Buzanfa sobre os bilhetes ontem, ele abriu o armário e os interceptou antes que Auggie sequer os visse.

Assenti e baixei a cabeça. Tenho que admitir: fiquei feliz por Auggie não ter lido aquilo. Acho que sabia o que o Dr. Jansen quis dizer com "ultrapassar o limite". Mas então pensei: "Se não foi Auggie que me dedurou, quem foi?"

Ficamos todos em silêncio por alguns minutos. Foi mais constrangedor do que você pode imaginar.

— Muito bem — disse meu pai por fim, esfregando o rosto com a palma da mão. — É claro que entendemos a gravidade da situação e vamos... fazer alguma coisa a respeito.

Acho que nunca vi meu pai tão desconfortável. Desculpa, pai!

— Bem, temos algumas recomendações — falou o Dr. Jansen. — Obviamente queremos ajudar todos os envolvidos...

— Obrigada pela compreensão — disse minha mãe, pegando seu livro como se estivesse pronta para se levantar e sair.

— Mas *há* consequências! — falou o Sr. Buzanfa, olhando para ela.

— Perdão? — disparou ela de volta.

— Como falei antes — interrompeu o Dr. Jansen —, a escola tem uma política antibullying muito severa.

— Ah, sim. Nós vimos como ela é severa quando vocês *não* expulsaram Jack Will por ter dado um soco na boca do Julian — respondeu minha mãe, depressa.

Isso aí! Toma essa, Sr. Buzanfa!

— Ora, por favor! Aquilo foi completamente diferente — respondeu o Sr. Buzanfa com desdém.

— Ah, foi? — falou minha mãe. — Dar um soco na boca de alguém *não* é bullying para vocês?

— Ok, ok — interveio meu pai, erguendo a mão para impedir que o Sr. Buzanfa respondesse. — Vamos direto ao ponto, ok? Quais são suas recomendações, Hal?

O Dr. Jansen olhou para ele.

— Julian está suspenso por duas semanas — anunciou.

— O quê? — gritou minha mãe, olhando para meu pai.

Mas ele não retribuiu o olhar.

— Além disso — continuou o Dr. Jansen —, recomendamos orientação psicológica. A enfermeira Molly tem o contato de vários terapeutas, e achamos que Julian deveria ver algum...

— Isso é um absurdo — interrompeu minha mãe, fervendo de raiva.

— Espera aí — falei. — Você quer dizer que não posso vir para a escola?

— Não nas próximas duas semanas — respondeu o Sr. Buzanfa. — Começando agora mesmo.

— Mas e a viagem para o acampamento? — perguntei.

— Você não pode ir — disse ele, friamente.

— Não! — gritei, e agora estava mesmo a ponto de chorar. — Eu quero ir ao acampamento!

— Sinto muito, Julian — falou o Dr. Jansen, gentil.

— Isso é absolutamente ridículo — disse mamãe, olhando para o Dr. Jansen. — Não acham que estão exagerando um pouquinho? Aquele garoto nem leu os

bilhetes!

— A questão não é essa — rebateu o Sr. Buzanfa.

— Vou lhes dizer o que eu penso! — falou minha mãe. — Tudo isso é porque *você* aceitou na escola um garoto que, para começo de conversa, nem deveria ter sido aceito. E quebrou as regras para fazer isso. E está descontando no meu filho porque sou a única que tem coragem de dizer a verdade!

— Melissa — disse o Dr. Jansen, tentando acalmá-la.

— Essas crianças são novas demais para lidar com esse tipo de coisa... Deformações faciais, desfiguração — prosseguiu ela, virando-se para o Dr. Jansen. — Você deveria ver aquilo! Julian teve pesadelos por causa daquele garoto. Você sabia disso? Julian tem problemas de ansiedade.

— Mãe! — exclamei, trincando os dentes.

— O conselho diretor deveria ter sido consultado para deliberar se a Beecher Prep era o melhor lugar para uma criança como aquela. É só isso que estou dizendo! Não estamos preparados para isso. Outras escolas estão, mas nós, não!

— Você pode acreditar nisso, se quiser — respondeu o Sr. Buzanfa, sem olhar para ela.

Minha mãe revirou os olhos.

— Isso é uma caça às bruxas — murmurou ela, baixinho, olhando pela janela.

Ela estava fumegando de raiva.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando. Bruxas? Que bruxas?

— Ok, Hal, você disse que tinha algumas recomendações — disse meu pai ao Dr. Jansen. Ele parecia irritado. — É isso? Duas semanas de suspensão e orientação psicológica?

— Também gostaríamos que Julian escrevesse uma carta pedindo desculpas a August Pullman — disse o Sr. Buzanfa.

— Pedir desculpas pelo que, exatamente? — rebateu minha mãe. — Ele escreveu alguns bilhetes bobos. Com certeza não é a única criança do mundo que já fez isso.

— É mais do que um bilhete bobo! — insistiu o Sr. Buzanfa. — É um padrão de comportamento. — Ele começou a contar nos dedos. — Primeiro, foram as caretas pelas costas do menino. Depois, foi o "jogo" que inventou, no qual, se alguém tocar em Auggie, tem que lavar as mãos...

Eu não podia acreditar que o Sr. Buzanfa sabia do jogo da Peste! Como os professores sabem tanta coisa?

— Foi pelo isolamento social — continuou ele. — Por criar um clima de hostilidade.

— E você tem certeza de que foi o Julian quem começou tudo isso? — perguntou meu pai. — Isolamento social? Clima de hostilidade? Você está dizendo que Julian era a única criança que não era gentil com esse garoto? Ou está suspendendo todos que mostraram a língua para ele?

Boa, pai! Um a zero para os Albans!

— Vocês não se incomodam nem um pouco com o fato de Julian não demonstrar nem um pingo de remorso? — perguntou o Sr. Buzanfa, estreitando os olhos para meu pai.

— Ok, vamos parar por aqui — respondeu ele, baixinho, com o dedo na cara do Sr. Buzanfa.

— Por favor, pessoal — pediu o Dr. Jansen. — Vamos nos acalmar. Sem dúvida é uma situação difícil.

— Depois de tudo o que fizemos por esta escola — disse minha mãe, balançando a cabeça. — Depois de todo tempo e dinheiro que investimos, seria de se esperar que recebêssemos só um pouco de consideração. — Ela aproximou o polegar e o indicador. — Só um pouquinho.

Meu pai concordou. Ele ainda estava olhando com raiva para o Sr. Buzanfa, mas então se virou para o Dr. Jansen.

— Melissa tem razão. Acho que merecemos um pouco mais do que isso, Hal. Um aviso amigável teria sido melhor. Em vez disso, você nos chama aqui como se fôssemos crianças... — Ele se levantou. — Merecíamos mais do que isso.

— Lamento que vocês se sintam assim — falou o Dr. Jansen, se levantando também.

— O conselho diretor vai ficar sabendo disso — ameaçou minha mãe, que também se levantou.

— Tenho certeza de que sim — respondeu o Dr. Jansen, cruzando os braços e assentindo.

O Sr. Buzanfa era o único adulto que ainda estava sentado.

— O objetivo da suspensão não é punição — falou, baixinho. — Estamos tentando ajudar o Julian também. Ele nunca vai entender completamente as consequências de seus atos se vocês sempre tentarem justificá-los. Queremos que ele sinta um pouco de empatia...

— Quer saber, já ouvi o suficiente! — disse minha mãe, estendendo a mão bem na frente do rosto do Sr. Buzanfa. — Não preciso de conselhos sobre como criar meu filho. Não de alguém que nem tem filhos. Você não sabe o que é ver seu filho ter um ataque de pânico toda vez que fecha os olhos para dormir, ok? Você não tem ideia de como é. — A voz dela falhou um pouco, como se ela fosse chorar. Ela olhou para o Dr. Jansen. — Isso afetou o Julian profundamente, Hal. Lamento se não é politicamente correto dizer isso, mas estou apenas tentando fazer o que acredito ser o melhor para o meu filho! Só isso. Você entende?

— Entendo, Melissa — respondeu o Dr. Jansen, em voz baixa.

Minha mãe balançou a cabeça. O queixo dela tremia.

— Já terminamos? Podemos ir?

— Claro — respondeu ele.

— Venha, Julian — chamou ela, e saiu da sala.

Eu me levantei. Confesso: não tinha certeza do que estava acontecendo.

— Esperem, é isso? E as minhas coisas? Tudo o que está no meu armário?

— A Sra. Rubin vai arrumar tudo e mandará entregar em sua casa no fim desta semana — respondeu o Dr. Jansen. Ele olhou para meu pai. — Realmente sinto muito que as coisas tenham chegado a este ponto, Jules. — Estendeu a mão para um cumprimento.

Meu pai olhou para a mão do reitor, mas não a apertou. Depois ergueu os olhos para o rosto dele.

— Só quero uma coisa de você, Hal — falou, em voz baixa. — Que isso, tudo isso, seja confidencial. Fui claro? Nada deve sair desta sala. Não quero que a escola transforme Julian em um exemplo antibullying. Ninguém deve saber que ele foi suspenso. Vamos dar alguma desculpa para o fato de ele não vir à escola. Isso está claro, Hal? Não quero que ele seja transformado em um exemplo. Não vou ficar quieto vendo esta escola jogar a reputação de minha família na lama.

Ah, caso eu não tenha mencionado antes: papai é advogado.

O Dr. Jansen e o Sr. Buzanfa trocaram olhares.

— Não queremos usar nenhum de nossos alunos para servir de exemplo — respondeu o Dr. Jansen. — Na verdade, essa suspensão é uma reação razoável a um comportamento inaceitável.

— Dá um tempo — rebateu meu pai, olhando o relógio de pulso. — Isso é um grande exagero.

O Dr. Jansen olhou para o meu pai e depois para mim.

— Julian — falou ele, olhando nos meus olhos —, posso lhe fazer uma pergunta direta?

Olhei para o meu pai, que balançou a cabeça em aprovação. Dei de ombros.

— Você sente algum remorso pelo que fez? — perguntou o Dr. Jansen.

Pensei por um segundo. Eu sabia que todos os adultos estavam me olhando, esperando que eu desse alguma resposta mágica que consertasse toda aquela situação.

— Sim — falei, baixinho. — Sinto muito por ter escrito aqueles bilhetes.

O Dr. Jansen assentiu e perguntou:

— Você se arrepende de mais alguma coisa?

Olhei para meu pai de novo. Não sou idiota. Sei o que ele queria que eu dissesse. Só que eu não ia falar isso. Então baixei os olhos e dei de ombros.

— Posso lhe pedir uma coisa então? — disse o Dr. Jansen. — Você aceitaria escrever uma carta para o Auggie pedindo desculpas?

Dei de ombros novamente.

— Quantas palavras ela precisa ter? — foi tudo o que consegui falar.

Assim que disse aquilo, soube que não deveria ter dito. O Dr. Jansen olhou para o meu pai, que desviou os olhos.

— Julian — disse meu pai —, vá encontrar a sua mãe. Espere por mim na

recepção. Estarei lá em um segundo.

Assim que saí e fechei a porta, meu pai começou a sussurrar alguma coisa para o Dr. Jansen e o Sr. Buzanfa. Era um sussurro apressado e irritado.

Quando cheguei à recepção, encontrei mamãe sentada em uma cadeira, de óculos escuros. Eu me sentei ao lado dela. Ela acariciou minhas costas, mas não disse nada. Acho que estava chorando.

Olhei o relógio. Eram dez e vinte da manhã. Naquele momento, a Sra. Rubin devia estar entregando os resultados do teste de ciências que tínhamos feito na véspera. Enquanto observava o hall, me veio à cabeça aquele dia antes de as aulas começarem, quando eu, Jack Will e Charlotte havíamos nos encontrado ali antes da nossa "comissão de boas-vindas". Eu me lembro de como Jack estava nervoso naquele dia, e eu nem sabia quem era Auggie.

Tanta coisa tinha acontecido desde então!

Papai não falou nada quando nos encontrou no hall. Apenas atravessamos o portão sem dar tchau para ninguém — nem para o segurança da entrada. Era estranho sair da escola quando todo mundo ainda estava lá. Eu me perguntei o que Miles e Henry pensariam quando eu não voltasse para a aula. Eu detestava a ideia de perder a aula de educação física naquela tarde.

Meus pais ficaram em silêncio durante todo o caminho de volta para casa. Moramos no Upper West Side, que fica a cerca de meia hora de carro da Beecher Prep, mas parece que levamos uma eternidade para chegar.

— Não acredito que fui suspenso — falei, assim que entramos na garagem do prédio.

— A culpa não foi sua, querido — respondeu minha mãe. — Eles estão se vingando da gente.

— Melissa! — gritou meu pai, o que deixou minha mãe um pouco surpresa. — É claro que é culpa dele. Toda essa situação é culpa dele! Julian, o que diabos você estava pensando quando escreveu aqueles bilhetes?

— Ele foi levado a escrever aquilo! — respondeu mamãe.

Tínhamos parado o carro na garagem. O manobrista estava esperando a gente saltar, mas não saímos.

Papai se virou e olhou para mim.

— Não estou dizendo que a escola lidou com isso da maneira correta — falou. — Duas semanas de suspensão é ridículo. Mas, Julian, você não deveria ter feito isso!

— Eu sei! Foi um erro, pai!

— Todos cometemos erros — disse minha mãe.

Papai se virou para a frente de novo. Olhou para minha mãe.

— Jansen tem razão, Melissa. Se você continuar tentando justificar os atos dele...

— Não estou fazendo isso, Jules.

Meu pai não respondeu de imediato. Mas então falou:

— Eu disse ao Jansen que vamos tirar Julian da Beecher Prep no ano que vem.

Mamãe ficou sem fala. Levei um segundo para entender o que ele tinha dito.

— Você *o quê*? — falei.

— Jules — começou ela, devagar.

— Falei que ele vai terminar o ano na Beecher Prep — continuou meu pai, calmo. — Mas no ano que vem vai para outra escola.

— Não acredito nisso! — gritei. — Eu adoro a Beecher Prep, pai! Tenho amigos lá! Mamãe!

— Não vou mandá-lo de volta para essa escola, Julian — disse meu pai, decidido. — Não há a menor chance de eu gastar mais um centavo que seja com

aquela escola. Há muitas outras excelentes escolas particulares em Nova York.

— Mamãe!

Ela passou a mão pelo rosto. Balançou a cabeça.

— Você não acha que deveríamos ter conversado sobre isso antes? — perguntou.

— Você não concorda? — rebateu meu pai.

Ela coçou a testa.

— Não, eu concordo — falou em voz baixa.

— Mamãe! — gritei de novo.

Ela se virou no banco.

— Querido, acho que o papai tem razão.

— Não acredito nisso! — berrei, socando o banco do carro.

— Eles estão se vingando de nós porque reclamamos da situação daquele garoto...

— Mas isso foi culpa sua! — falei, por entre os dentes trincados. — Não pedi que você tentasse fazer o Auggie ser expulso da escola. Não queria que você tentasse fazer o Sr. Buzanfa ser demitido. Foi culpa sua!

— E sinto muito por isso, meu amor — disse ela, com doçura.

— Julian! — falou meu pai. — Sua mãe fez tudo isso tentando proteger você. Não é culpa dela você ter escrito aqueles bilhetes, é?

— Não, mas se ela não tivesse criado caso com tudo... — comecei.

— Julian, você está ouvindo o que está falando? Agora a culpa é da sua mãe. Antes você estava culpando os outros garotos por ter escrito os bilhetes. Estou começando a me perguntar se eles não estavam certos! Você não sente nenhum remorso pelo que fez?

— Claro que sente! — interrompeu minha mãe.

— Melissa, deixe ele responder sozinho! — gritou meu pai.

— Não, ok? — explodi. — Não estou arrependido! Sei que todo mundo acha que eu devia estar todo “ah, me desculpem por ter sido mau com Auggie, lamento ter falado mal dele, sinto muito por ter insultado ele”. Mas não sinto nada disso. Então me processem.

Antes que meu pai pudesse responder, o manobrista bateu na janela do carro. Outro veículo tinha entrado na garagem e a gente precisava sair.

Não contei a ninguém sobre a suspensão. Quando Henry me mandou uma mensagem de texto alguns dias depois perguntando por que eu não estava indo à escola, falei que estava com a garganta inflamada. Foi o que dissemos a todo mundo.

No fim das contas, duas semanas de suspensão não são tão ruins. Passei a maior parte do tempo em casa assistindo a reprises de *Bob Esponja* e jogando *Star Wars: Cavaleiros da Velha República*. Mas eu ainda tinha que manter o dever de casa em dia, então não estava totalmente à toa. Em uma tarde, a Sra. Rubin foi ao meu apartamento para levar todas as coisas do meu armário: meus livros, cadernos e todos os trabalhos que eu tinha que fazer. Era muita coisa!

Tudo correu muito bem com estudos sociais e inglês, mas tive tanta dificuldade para fazer os deveres de matemática que minha mãe arranjou um professor particular.

Apesar de todo o tempo livre, eu estava muito animado para voltar. Ou pelo menos achei que estivesse. Na véspera do meu primeiro dia de volta, tive um daqueles pesadelos de novo. Só que dessa vez não era só eu que me parecia com Auggie — era todo mundo!

Eu deveria ter entendido aquilo como uma premonição. Assim que cheguei na escola para o meu primeiro dia de volta, percebi um clima estranho. Havia algo diferente. A primeira coisa que notei foi que ninguém estava muito animado por me rever. Quer dizer, as pessoas disseram oi e perguntaram como eu estava, mas ninguém reagiu tipo “cara, sentimos sua falta!”.

Seria de imaginar que Miles e Henry reagiriam assim, mas não. Na verdade, na hora do almoço, eles nem se sentaram na nossa mesa de costume. Eles ficaram na mesa do Amos. Então tive que pegar minha bandeja e encontrar um espaço espremido na mesa dele, o que foi meio humilhante. Então ouvi os três falando de ir à quadra depois da aula para treinar uns arremessos livres, mas ninguém me convidou!

No entanto, o mais estranho de tudo era que todo mundo estava sendo muito legal com Auggie. Tipo, ridiculamente legal. Era como se eu tivesse atravessado o portal para outra dimensão, um universo alternativo onde Auggie e eu havíamos trocado de lugar. De repente, ele era o popular, e eu, o esquisito.

Logo depois do último tempo, puxei Henry de lado para falar com ele:

— Ei, cara, por que de repente todo mundo está sendo tão legal com o monstro?

— Ah, hum... — disse Henry, olhando em volta, nervoso. — Bem, as pessoas não chamam mais ele assim.

Então ele me contou tudo o que tinha acontecido no acampamento. Basicamente, o que aconteceu foi que Auggie e Jack foram importunados por uns

valentões do sétimo ano de outra escola. Henry, Miles e Amos os defenderam, entraram em uma briga com os valentões — com socos de verdade —, e aí todos fugiram por um milharal. Parecia muito empolgante e, enquanto ele me contava, voltei a sentir raiva do Sr. Buzanfa por não ter me deixado ir.

— Ah, cara — falei, animado. — Queria ter estado lá! Eu ia quebrar a cara daqueles idiotas.

— Espera aí, que idiotas?

— Os garotos do sétimo ano!

— Sério? — Ele parecia confuso, mas Henry sempre parecia um pouco confuso. — Porque não sei, Julian. Meio que achei que, se você estivesse lá, nós não teríamos defendido eles. Você provavelmente iria torcer para os caras do sétimo ano.

Olhei para Henry como se ele fosse um idiota.

— Não ia, não — falei.

— Sério? — perguntou ele, desconfiado.

— Sério!

— Ok! — disse ele, dando de ombros.

— Ei, Henry, você vem? — perguntou Amos, do fim do corredor.

— Opa, tenho que ir — disse Henry para mim.

— Espere.

— Tenho que ir.

— Quer dar uma volta amanhã depois da escola?

— Não sei — disse ele, se afastando. — Me manda uma mensagem hoje à noite e a gente vê.

Enquanto via Henry correr para longe, tive aquela sensação terrível na boca do estômago. Ele achava mesmo que eu era *tão* cruel a ponto de torcer pelos caras do sétimo ano enquanto eles batiam no Auggie? Era isso que os outros pensavam? Que eu podia ser tão babaca assim?

Olhe, sou o primeiro a dizer que não gosto do Auggie Pullman, mas jamais iria querer que ele fosse espancado nem nada! Quer dizer, qual é? Não sou um psicopata! Fiquei realmente chateado por as pessoas pensarem isso de mim.

Mandei uma mensagem para Henry mais tarde: "Cara, eu *nunca* ia ficar parado e deixar aqueles idiotas meterem porrada no Auggie e no Jack!"

Mas ele nunca respondeu.

Aquele último mês na escola foi horrível. Não era como se as pessoas fossem abertamente más comigo, mas me senti excluído por Amos, Henry e Miles. Eu simplesmente não era mais popular. Ninguém nem ria mais das minhas piadas. Ninguém queria andar comigo. Se eu pudesse sumir da escola, parecia que ninguém daria falta. Enquanto isso, Auggie andava pelos corredores como o cara mais legal da escola, e todos os alunos mais velhos o cumprimentavam.

Dane-se.

Um dia, o Sr. Buzanfa me chamou em sua sala.

— Como estão as coisas, Julian?

— Bem.

— Você chegou a escrever o pedido de desculpas que lhe pedi?

— Meu pai disse que vou sair da escola, então não tenho que escrever nada — respondi.

— Ah — murmurou ele, assentindo. — Acho que eu esperava que você quisesse fazer isso por conta própria.

— Por quê? — rebati. — Todo mundo acha que eu sou um babaca mesmo. De que vai adiantar escrever um pedido de desculpas?

— Julian...

— Olha, sei que todo mundo acha que sou um insensível que não sente “remorso”! — falei, fazendo um gesto no ar para indicar as aspas.

— Julian, ninguém...

De repente, senti que começaria a chorar, então o interrompi:

— Estou atrasado para a aula e não quero ter mais problemas. Posso ir, por favor?

O Sr. Buzanfa pareceu triste. Ele assentiu. Então saí de sua sala sem olhar para trás.

Alguns dias depois, recebemos um comunicado oficial da escola informando que eles haviam retirado o convite para que eu renovasse minha matrícula para o próximo ano.

Não achei que fizesse diferença, já que meu pai tinha dito a eles que eu não voltaria mesmo. Mas ainda não recebêramos notícias das outras escolas para as quais eu havia me inscrito e, se eu não entrasse para nenhuma delas, pretendíamos manter minha matrícula na Beecher Prep. Agora, isso era impossível.

Meus pais ficaram furiosos com a escola. Tipo, *loucos* de raiva. Principalmente porque já haviam pagado a matrícula do ano seguinte, e a escola não pretendia devolver o dinheiro. Viu? Este é o problema com as escolas particulares: podem expulsar você por qualquer motivo.

Por sorte, alguns dias depois, descobrimos que eu tinha sido aceito na escola

que era minha primeira opção, não muito longe de casa. Eu teria que usar uniforme, mas tudo bem. Era melhor do que ter que ir para a Beecher Prep todo dia!

Nem preciso dizer que não fomos à cerimônia de formatura no fim do ano.

Depois

— São apenas lágrimas, como dizem os homens — falou Bagheera. — Agora te reconheço como um homem, e não mais como filhote de homem. De fato, a selva está fechada para ti daqui por diante. Deixe-as cair, Mogli. São apenas lágrimas.

— Rudyard Kipling, *O livro da selva*

***

Ah, o vento, o vento está soprando,
pelos túmulos o vento está soprando,
a liberdade logo virá;
então sairemos das sombras.

— Leonard Cohen, “The Partisan”

Férias

Meus pais e eu fomos para Paris em junho. O plano original era voltarmos para Nova York em julho, já que eu iria para um acampamento de rock com Henry e Miles. Mas, depois de tudo que aconteceu, eu não queria mais ir. Meus pais decidiram me deixar com a minha avó até o fim do verão.

Normalmente, eu detestava ficar com a minha Grandmère, mas achei bom dessa vez. Eu sabia que, depois que meus pais voltassem para casa, eu poderia passar o dia inteiro de pijama jogando *Halo*, e Grandmère não se incomodaria nem um pouco. Eu poderia fazer praticamente tudo o que quisesse.

Ela não é exatamente uma “vovó” típica. Nada de assar biscoitos. Nem de tricotar suéteres. Como papai sempre dizia, ela era uma “figura”. Mesmo já com mais de oitenta anos, se vestia como uma modelo. Superglamorosa. Muita maquiagem e perfume. Salto alto. Nunca acordava antes das duas da tarde, e depois levava pelo menos duas horas para se arrumar. Quando estava pronta, me levava para fazer compras, a um museu ou a um restaurante chique. Ela não gostava de fazer coisas de criança, se é que você me entende. Nunca me levou para assistir a um filme de classificação livre com ela, por exemplo, e por isso eu acabei vendo um monte de filmes totalmente impróprios para minha idade. Sei que mamãe ficaria uma fera se soubesse de alguns filmes que Grandmère me levou para ver. Mas ela era francesa, e vivia sempre dizendo que meus pais eram “americanos” demais.

Minha avó também não falava comigo como se eu fosse criancinha. Nem quando eu era mais novo, nunca usou vocabulário de bebê nem falou comigo do jeito que os adultos falam com as crianças pequenas. Usava palavras normais para tudo. Por exemplo, se eu dissesse “*Je veux faire pipi*”, que significa “quero fazer pipi”, ela diria: “Você quer urinar? Vá ao toalete.”

E às vezes ela falava palavrões. Cara, e que palavrões! E se eu não soubesse o que um deles significava, era só perguntar, e ela me explicava — em detalhes. Não posso nem contar algumas das palavras que ela me explicou!

Enfim, fiquei feliz por passar todo o verão longe de Nova York. Eu esperava esquecer todas aquelas crianças. Auggie. Jack. Summer. Henry. Miles. Todas. Se eu não as visse de novo, sério, seria o garoto mais feliz de Paris.

Sr. Browne

A única coisa que me deixou chateado foi que não tive a oportunidade de me despedir de nenhum dos meus professores da Beecher Prep. Eu gostava muito de alguns deles. O Sr. Browne, de inglês, provavelmente era meu professor favorito de todos os tempos. Ele sempre foi muito legal comigo. Eu adorava escrever, e ele fazia muitos elogios por causa disso. E não contei a ele que não voltaria para a Beecher Prep.

No começo do ano, o Sr. Browne tinha nos dito que queria que mandássemos para ele um de nossos próprios preceitos no verão. Então, uma tarde, enquanto Grandmère estava dormindo, comecei a pensar em enviar um preceito para ele de Paris. Fui a uma dessas lojas turísticas no fim do quarteirão e comprei um cartão-postal de uma gárgula, uma daquelas no alto da Notre-Dame. A primeira coisa que me veio à cabeça quando vi a imagem foi que me lembrava o Auggie. Então pensei: "Ai! Por que ainda estou pensando nele? Por que ainda vejo o rosto dele em todos os lugares? Mal posso esperar para recomeçar!"

E foi aí que ele veio: meu preceito. Eu o escrevi muito depressa.

Às vezes é bom recomeçar.

Pronto. Perfeito. Adorei. Peguei o endereço do Sr. Browne em seu perfil na página de professores do site da Beecher Prep e mandei o cartão pelo correio no mesmo dia.

Mas aí, depois de enviar, me dei conta de que ele não ia entender o que o preceito significava. Não mesmo. Ele não sabia de toda a história para eu estar tão feliz por sair da Beecher Prep e recomeçar em algum lugar novo. Então decidi escrever um e-mail para ele contando tudo o que havia acontecido no ano passado. Bem, nem *tudo*. Meu pai tinha sido muito claro ao me proibir de contar a alguém da escola as coisas ruins que eu havia feito com Auggie — por motivos jurídicos. Mas eu queria que o Sr. Browne soubesse o bastante para entender meu preceito. Também queria que ele soubesse que eu o achava um excelente professor. Minha mãe dissera a todo mundo que eu não ia voltar para a Beecher Prep porque estávamos insatisfeitos com a direção — e com os professores. Eu me senti um pouco mal por isso, porque não queria que o Sr. Browne achasse que eu não estava satisfeito com ele.

Então, decidi mandar um e-mail para ele.

> Para: tbrowne@beecherschool.edu
> De: julianalbans@ezmail.com
> Assunto: Meu preceito
>
> Oi, Sr. Browne! Acabei de mandar meu preceito para o senhor pelo correio: "ÀS VEZES É BOM RECOMEÇAR." Está no cartão-postal com a imagem de uma gárgula. Escrevi esse preceito porque vou para uma nova escola em

setembro. Acabei odiando a Beecher Prep. Não gostava dos alunos. Mas GOSTAVA dos professores. Achava a sua aula ótima. Então não tome minha saída como pessoal.

Não sei se você conhece toda a história. É longa, mas basicamente o motivo para eu não voltar para a Beecher Prep é... bem, não vou citar nomes, mas tinha um aluno com quem eu não me dava nem um pouquinho bem. Na verdade, eram dois alunos. (Você deve imaginar quem são.) Enfim, esses garotos não eram as pessoas de quem eu mais gostava no mundo. Começamos a escrever bilhetes cruéis uns para os outros. Repito: *uns para os outros*. Era uma via de mão dupla! Mas fui eu que fiquei encrencado! Só eu! Foi tão injusto! A verdade é que o Sr. Buzanfa fez isso comigo porque minha mãe estava tentando fazer com que ele fosse demitido. Bem, para resumir: fui suspenso por duas semanas por ter escrito os bilhetes! (Mas ninguém sabe disso. É segredo, então, por favor, não espalhe.) A escola dizia que tinha uma política de "tolerância zero" contra bullying. Mas não acho que o que fiz tenha sido bullying. Meus pais ficaram tão irritados com a escola! Decidiram me matricular em outro lugar. Então, essa é a história.

Eu realmente gostaria que esse "aluno" nunca tivesse entrado na Beecher Prep! Meu ano teria sido muito melhor! Eu detestava ter que estar na turma dele. Ele me dava pesadelos. Eu ainda estudaria na Beecher Prep se ele não estivesse lá. Foi um horror.

Mas eu gostava mesmo das suas aulas. Você era um excelente professor. Queria que soubesse disso.

Achei que tinha sido bom não citar "nomes". Mas imaginava que ele saberia de quem eu estava falando. Realmente não esperava ter notícias do Sr. Browne, mas, no dia seguinte, quando chequei a caixa de entrada, havia um e-mail dele. Fiquei muito animado!

Para: julianalbans@ezmail.com
De: tbrowne@beecherschool.edu
Assunto: Res: Meu preceito

Oi, Julian. Muito obrigado pelo seu e-mail! Estou ansioso para receber o cartão-postal da gárgula. Lamento saber que você não vai voltar para a Beecher Prep. Sempre achei que você era um ótimo aluno e um escritor talentoso.

A propósito, adorei seu preceito. Concordo, às vezes é bom recomeçar. Um novo começo nos dá a chance de refletir sobre o passado, pesar as coisas que fizemos e aplicar aquilo que aprendemos com isso em nosso novo caminho. Se não examinarmos o passado, não aprendemos com ele.

Quanto aos "garotos" de quem você não gostava, acho que sei de quem

está falando. Lamento que você não tenha tido um ano feliz, mas espero que tire um tempinho para se perguntar por quê. As coisas que acontecem conosco, mesmo as ruins, muitas vezes podem nos ensinar um pouco sobre nós mesmos. Você já se perguntou por que foi tão difícil lidar com esses dois alunos? Será que talvez não tenha sido a amizade deles que o incomodou? Você ficou perturbado com a aparência de Auggie? Você relatou que começou a ter pesadelos. Às vezes o medo pode fazer com que até as crianças mais legais digam e façam coisas que normalmente não diriam ou fariam. Será que você não deveria explorar um pouco mais esses sentimentos?

De todo modo, desejo muito boa sorte na nova escola, Julian. Você é um bom garoto. Um líder nato. Apenas se lembre de usar sua liderança para o bem, sim? Não esqueça: escolha sempre ser gentil!

Não sei por que, mas fiquei tão, tão, *tão* feliz de receber esse e-mail do Sr. Browne! Eu sabia que ele seria compreensivo! Estava tão cansado de todo mundo achar que eu era um capeta, sabe? Ficou claro que o Sr. Browne não pensava isso de mim. Reli o e-mail dele, tipo, umas dez vezes. Estava sorrindo de orelha a orelha.

— E então? — perguntou Grandmère. Ela tinha acabado de acordar e estava tomando café da manhã: *croissant* e *café au lait*, entregues lá de baixo. — Não vi você feliz assim o verão inteiro. O que está lendo, *mon cher*?

— Ah, recebi um e-mail de um dos meus professores — respondi. — O Sr. Browne.

— Da antiga escola? Achei que fossem todos ruins, aqueles professores. Achei que fosse um "passar bem" para todos eles!

Minha vó tinha um sotaque francês carregado que às vezes era difícil de entender.

— O quê? – perguntei.

— Passar bem! — repetiu ela. — Deixe para lá. Achei que todos os professores fossem estúpidos.

O jeito como ela pronunciava "estúpidos" era engraçado: *estu-pidos*!

— Nem todos. O Sr. Browne, não — falei.

— Então, o que ele escreveu que deixou você tão feliz?

— Ah, nada de mais. É só que... Eu achei que todo mundo me odiasse, mas agora sei que o Sr. Browne não me odeia.

Grandmère olhou para mim.

— Por que todo mundo odiaria você, Julian? — perguntou ela. — Você é um garoto tão bom.

— Não sei — respondi.

— Leia o e-mail para mim — pediu ela.

— Não, Grandmère... — comecei a dizer.

— Leia — ordenou, apontando o dedo para a tela.

Então li a mensagem do Sr. Browne em voz alta. Bom, acho que a Grandmère sabia um pouquinho do que havia acontecido na Beecher Prep, mas não a história toda. Quer dizer, acho que meus pais contaram a ela a mesma versão que contavam para todo mundo, talvez com alguns detalhes a mais. Grandmère sabia que havia dois garotos que transformaram a minha vida em um inferno, por exemplo, mas não sabia dos detalhes. Sabia que eu tinha levado um soco na boca, mas não o motivo. No mínimo, ela devia achar que eu tinha sofrido bullying, e que era por isso que sairia da escola.

Por isso, ela não entendeu algumas partes do e-mail do Sr. Browne.

— O que ele quer dizer — falou, estreitando os olhos para tentar ler a tela — com "a aparência de Auggie"? *Qu'est-ce que c'est?*

— Um dos garotos de quem eu não gostava, Auggie, tinha, tipo, uma... deformação horrível no rosto — respondi. — Era muito grave. Ele parecia uma gárgula!

— Julian! Isso não é muito gentil.

— Desculpe.

— E esse garoto, ele não era *sympathique*? — perguntou ela, com inocência. — Não era legal com você? Praticava bullying?

Pensei nisso.

— Não, ele não fazia bullying comigo.

— Então por que você não gostava dele?

Dei de ombros.

— Não sei. Ele só me dava nos nervos.

— Como assim, você não sabe? — rebateu ela depressa. — Seus pais me disseram que você estava saindo da escola por causa de bullying, não é? Você não levou um soco no rosto?

— Bem, sim, levei um soco. Mas não do garoto deformado. Do amigo dele.

— Ah! Então era o amigo dele que fazia bullying!

— Na verdade, não — falei. — Não sei se havia alguém fazendo bullying, Grandmère. Quer dizer, não foi bem assim. A gente não se dava bem, só isso. Nós nos odiávamos. É meio difícil explicar, você tinha que estar lá. Aqui, me deixe mostrar como ele era. Aí talvez você entenda um pouco melhor. Quer dizer, não quero ser mau nem nada, mas era muito difícil ter que olhar para ele todo dia. Ele me dava pesadelos.

Entrei no Facebook, achei nossa foto de turma e dei zoom no rosto de Auggie, para que ela pudesse ver. Ela pôs os óculos para enxergar melhor e passou um longo tempo estudando o rosto dele na tela do computador. Achei que ela fosse ter a mesma reação da minha mãe quando viu a foto de Auggie pela primeira vez, mas não. Apenas balançou a cabeça e fechou o laptop.

— Bem ruim, não é? — falei.

Ela olhou para mim.

— Julian, acho que talvez seu professor tenha razão. Acho que você tinha medo desse menino.

— O quê? De jeito nenhum — retruquei. — Não tenho medo do Auggie! Quer dizer, eu não gostava dele... Na verdade, eu meio que detestava o Auggie... Mas não porque tivesse medo dele.

— Às vezes odiamos as coisas de que temos medo.

Fiz uma careta, como se ela estivesse falando uma maluquice.

Ela pegou a minha mão.

— Eu sei o que é ter medo, Julian — falou, levantando o dedo diante do meu rosto. — Havia um menino de quem eu tinha medo quando era pequena.

— Deixe eu adivinhar — falei, com a voz entediada. — Aposto que ele era igualzinho ao Auggie.

Grandmère fez que não com a cabeça.

— Não. Não havia nada de errado com o rosto dele.

— Então por que você tinha medo? — perguntei. Tentei fazer minha voz soar a mais desinteressada possível, mas ela ignorou minha malcriação.

Apenas se recostou na cadeira, com a cabeça levemente inclinada. Olhando nos seus olhos, notei que ela havia ido para muito longe.

— Eu era uma garota muito popular quando jovem, Julian — disse minha avó. — Tinha muitos amigos. Usava roupas bonitas. Como você pode ver, sempre gostei de roupas bonitas.

Ela apontou para a cintura para garantir que eu tinha reparado em seu vestido. Sorriu.

— Eu era uma garota fútil — continuou. — Mimada. Quando os alemães invadiram a França, quase não notei. Eu sabia que algumas famílias judias de minha cidade estavam indo embora, mas minha família era tão cosmopolita! Meus pais eram intelectuais. Ateus. Nem íamos à sinagoga.

Grandmère fez uma pausa e me pediu que buscasse uma taça de vinho para ela. Obedeci. Ela encheu a taça e, como sempre fazia, me ofereceu um pouco também. E, como sempre, falei:

— *Non, merci.*

Como já disse, minha mãe ficaria uma fera se soubesse das coisas que Grandmère fazia às vezes!

— Havia um garoto em minha escola chamado... Bem, ele era chamado de Tourteau — prosseguiu ela. — Ele era... qual é mesmo a palavra?... Aleijado? É assim que vocês falam?

— Acho que as pessoas não usam mais essa palavra, Grandmère — falei. — Não é politicamente correta, se você me entende.

Ela abanou a mão para mim.

— Os americanos adoram decidir que não podemos mais usar certas palavras! — disse ela. — *Allors*, bem, as pernas de Tourteau eram deformadas por causa da poliomielite. Ele precisava de duas muletas para andar. E suas costas eram todas tortas. Acho que era por isso que o chamavam de *tourteau*, que significa caranguejo: ele andava de lado, como um caranguejo. Sei que isso parece muito cruel. As crianças eram mais malvadas naquele tempo.

Pensei em como eu chamava August de “o monstro” pelas costas. Mas pelo menos nunca fiz isso na frente dele!

Grandmère continuou falando. Tenho que admitir: no começo, eu não estava a fim de ouvir uma das suas longas histórias, mas estava ficando interessado nessa.

— Tourteau era uma coisinha pequena e magricela. Nenhum de nós nunca falou com ele, porque ele nos deixava desconfortáveis. Ele era tão diferente! Nunca nem sequer olhei para ele! Tinha medo dele. De olhar, de falar com ele. Tinha medo de que ele me tocasse sem querer. Era mais fácil fingir que ele não existia.

Ela tomou um longo gole de vinho.

— Certa manhã, um homem entrou correndo em nossa escola. Eu o conhecia. Todos o conheciam. Era um Maquis, um partidário da resistência francesa. Sabe

o que é isso? Ele era contra os alemães. Ele entrou depressa na escola e disse aos professores que os alemães estavam vindo para levar embora todas as crianças judias. O quê? O que era aquilo? Eu não podia acreditar no que estava ouvindo! Os professores foram em todas as salas reunindo as crianças judias. Fomos orientados a seguir o Maquis pela floresta. Iríamos nos esconder. Depressa, depressa, depressa! Acho que havia umas dez de nós. Depressa, depressa, depressa! Fujam!

Grandmère olhou para mim, para garantir que eu estava ouvindo — óbvio que eu estava.

— Nevava naquela manhã e fazia muito frio. Tudo em que eu pensava era "se eu entrar na floresta, vou estragar meus sapatos!". Sabe, eu estava usando os lindos sapatos vermelhos novos que meu Papa havia comprado para mim. Como disse antes, eu era uma garota fútil... talvez até um pouco estúpida! Mas era nisso que eu estava pensando. Eu nem tinha parado para me perguntar: "Bem, onde estão Maman e Papa?" Se os alemães estavam vindo buscar as crianças judias, já teriam levado os pais? Isso nem me ocorreu. Tudo em que conseguia pensar era nos meus lindos sapatos. Então, em vez de seguir o Maquis pela floresta, eu me separei do grupo e me escondi na torre do sino da escola. Havia uma saleta minúscula lá em cima, cheia de caixas e livros, e foi ali onde me escondi. Eu me lembro de pensar que iria para casa à tarde, depois que os alemães já tivessem ido embora, e contaria tudo aquilo a Maman e Papa. Eu era estúpida a esse ponto, Julian!

Assenti. Não acreditava que nunca tinha ouvido aquela história!

— Então os alemães chegaram. Havia uma janela estreita na torre, e consegui vê-los perfeitamente. Eu os vi correr pela floresta atrás das crianças. Não demoraram muito para encontrá-las. Todos voltaram juntos: os alemães, as crianças e o Maquis.

Ela parou, piscou algumas vezes e então respirou fundo.

— Eles deram um tiro no Maquis na frente de todas as crianças — falou, baixinho. — Ele caiu tão suavemente, Julian, na neve. As crianças gritaram. Choraram enquanto eram levadas embora em uma fila. Uma das professoras, Mademoiselle Petitjean, foi com elas, mesmo não sendo judia! Ela disse que não abandonaria seus alunos! Ninguém nunca a viu de novo, coitadinha. A essa altura, eu tinha acordado de minha estupidez, Julian. Não estava mais pensando nos meus sapatos vermelhos. Pensava em meus amigos que tinham sido levados embora. Em meus pais. Estava esperando anoitecer para poder voltar para casa, para eles!

"Mas nem todos os alemães tinham ido embora. Alguns ficaram, junto com a polícia francesa. Estavam fazendo uma busca na escola. E então eu percebi que estavam procurando por mim! Sim, por mim e por mais uma ou duas outras crianças judias que não tinham ido para a floresta. Percebi que minha amiga

Rachel não estava entre as crianças que tinham sido levadas. Nem Jakob, um garoto de outra cidade com quem todas as garotas queriam se casar, porque ele era lindo. Onde estavam? Deviam estar escondidos, como eu!

"Então ouvi um rangido, Julian. Passos nas escadas acima, se aproximando de mim. Fiquei tão assustada! Tentei me encolher o máximo possível atrás da caixa, e escondi a cabeça debaixo de um cobertor."

Nesse ponto, Grandmère cobriu a cabeça com os braços, para me mostrar como estava se escondendo.

— Aí ouvi alguém sussurrar meu nome — falou. — Não era uma voz de homem. Era voz de criança. "Sara?", sussurrou a voz de novo. Espiei para fora do cobertor. "Tourteau!", respondi, atônita. Fiquei tão surpresa porque, em todos os anos que o conhecia, nunca tinha dirigido uma palavra a ele, nem ele a mim. E, ainda assim, ali estava ele, chamando meu nome. "Eles vão encontrar você aqui", falou. "Vem comigo."

"E eu o segui mesmo, porque naquele momento estava apavorada. Ele me conduziu por um corredor até a capela da escola, onde eu nunca estivera. Fomos para os fundos da capela, onde havia uma cripta... tudo aquilo era novidade para mim, Julian! Rastejamos pela cripta, para que os alemães não pudessem nos ver pelas janelas, porque ainda estavam nos procurando. Ouvi quando encontraram Rachel. Eu a ouvi gritar no pátio enquanto eles a levavam. Pobre Rachel.

"Tourteau me levou até o porão embaixo da cripta. Devia ter pelo menos uns cem degraus. Como você pode imaginar, aquilo não era fácil para ele, com sua deficiência terrível e as duas muletas, mas ele desceu os degraus pulando de dois em dois, olhando para trás para ter certeza de que eu o estava seguindo.

"Por fim, chegamos a uma passagem. Era tão estreita que precisávamos andar de lado para atravessar. E então chegamos aos esgotos, Julian! Dá para imaginar? Eu soube imediatamente, por causa do cheiro, claro. Estávamos afundados em lixo até os joelhos. Dá para imaginar o cheiro. Meus sapatos vermelhos já eram!

"Caminhamos a noite inteira. Eu estava com tanto frio, Julian! Mas Tourteau era um garoto tão gentil. Ele me deu seu casaco. Esse foi, até hoje, o gesto mais nobre que alguém já fez por mim. Ele estava congelando também, mas me deu o casaco dele. Fiquei tão envergonhada pelo modo como o havia tratado! Ah, Julian, tão envergonhada!"

Ela cobriu a boca com os dedos e engoliu em seco. Depois terminou a taça de vinho e se serviu de outra.

— Os esgotos levavam a Dannevilliers, um pequeno vilarejo a cerca de quinze quilômetros de Aubervilliers. Maman e Papa sempre tinham evitado essa cidade por causa do cheiro: os esgotos de Paris eram escoados para as terras de lá. Nós nem comíamos maçãs cultivadas em Dannevilliers! Mas era onde Tourteau morava. Ele me levou à casa dele, onde nos limpamos junto ao poço, e depois

ele me levou ao celeiro atrás de sua casa. Ele me cobriu com um cobertor de cavalo e me disse para esperar. Ele ia chamar os pais. “Não”, implorei. “Por favor, não conte a eles.” Eu estava tão assustada! Eu imaginava que, quando me vissem, eles iam chamar os alemães. Você sabe, eu não os conhecia!

“Mas Tourteau foi embora e, alguns minutos depois, voltou com os pais. Eles olharam para mim. Eu devia estar um tanto patética ali, toda molhada e tremendo. A mãe dele, Vivienne, me abraçou para me confortar. Ah, Julian, aquele foi o abraço mais caloroso que já recebi! Chorei tanto nos braços dela, porque naquele momento eu soube que nunca mais choraria nos braços de minha Maman novamente. Eu soube disso em meu coração, Julian. E estava certa. Eles tinham levado Maman naquele mesmo dia, junto com todos os judeus da cidade. Meu pai, que estava no trabalho, fora avisado de que os alemães estavam vindo e fugira. Para a Suíça. Mas era tarde demais para Maman. Foi deportada naquele dia. Para Auschwitz. Nunca mais a vi. Minha linda Maman!”

Ela respirou fundo e balançou a cabeça.

Grandmère ficou em silêncio por alguns segundos. Ela estava olhando para o ar, como se visse tudo acontecer de novo, bem na sua frente. Agora eu entendia por que ela nunca tinha falado disso: era difícil demais.

— A família de Tourteau me escondeu no celeiro por dois anos — continuou ela, devagar. — Apesar de ser muito perigoso para eles. Estávamos cercados por alemães, e a polícia francesa tinha um grande quartel-general em Dannevilliers. Mas todos os dias eu agradecia ao Criador pelo celeiro que era minha casa e pela comida que Tourteau conseguia levar para mim... mesmo quando não havia comida quase nenhuma. As pessoas morriam de fome naquela época, Julian. E ainda assim eles me alimentaram. Foi uma bondade da qual jamais me esquecerei. Ser bom é sempre um ato de coragem, mas, naquele tempo, tanta bondade podia lhe custar a vida.

Nesse ponto, Grandmère começou a ficar com os olhos cheios d'água. Segurou minha mão.

— A última vez em que vi Tourteau foi dois meses antes da libertação. Ele tinha me levado um pouco de sopa. Nem era sopa de verdade. Era água com um pouquinho de pão e cebolas dentro. Nós dois tínhamos emagrecido tanto! Eu estava em frangalhos. Nem pensar em roupas bonitas! Mesmo assim, conseguíamos rir, Tourteau e eu. Ríamos de coisas que aconteciam na escola. Embora eu não pudesse mais ir às aulas, claro, Tourteau ainda ia todos os dias. À noite, ele me contava tudo o que tinha aprendido, para que eu continuasse inteligente. E me falava dos meus antigos amigos, também, sobre como eles estavam. Todos ainda o ignoravam, claro.

"E ele nunca contou a nenhum deles que eu ainda estava viva. Ninguém podia saber. Não podíamos confiar em ninguém! Mas Tourteau era um excelente contador de histórias e me fazia rir bastante. Fazia imitações incríveis e tinha apelidos engraçados para todos os meus amigos. Imagine só: Tourteau zombando deles!

"'Eu não fazia ideia de que você era tão endiabrado!', falei para ele. 'Todos esses anos você também devia estar rindo de mim pelas costas!'

"'Rindo de você?', disse ele. 'Nunca! Eu era apaixonado por você. Nunca ri. Além disso, eu só zombava dos que também zombavam de mim. Você nunca fez isso. Apenas me ignorava.'

"'Eu chamava você de Tourteau.'

"'E daí? Todo mundo me chamava assim. Realmente não me importo. Gosto de caranguejos!'

"'Ah, Tourteau, estou tão envergonhada!', falei, e lembro que cobri o rosto com as mãos."

Nesse momento, Grandmère cobriu o rosto com as mãos. Embora seus dedos

agora estivessem retorcidos pela artrite e suas veias estivessem visíveis, imaginei suas mãos de menina cobrindo o rosto jovem, tantos anos antes.

— Tourteau pegou as minhas mãos — continuou, tirando as mãos do rosto devagar. — E as segurou por alguns segundos. Eu tinha quatorze anos e nunca havia beijado um garoto. Mas ele me beijou naquele dia, Julian.

Grandmère fechou os olhos. Respirou fundo.

— Depois que ele me beijou, falei "Não quero mais chamar você de Tourteau. Qual é o seu nome?"

Ela abriu bem os olhos e me fitou.

— Você sabe o que ele respondeu? — perguntou.

Arqueei as sobrancelhas, como se dissesse "não, como eu saberia?".

Então ela fechou os olhos de novo e sorriu.

— Ele disse: "Meu nome é Julian."

— Ah, meu Deus! — gritei. — Foi por isso que você deu esse nome ao papai?

Embora todo mundo o chamasse de Jules, esse era o nome dele.

— *Oui* — disse ela, fazendo que sim com a cabeça.

— E eu recebi o nome por causa do meu pai! — falei. — Então tenho o nome desse garoto! Isso é tão legal!

Ela sorriu e passou os dedos pelo meu cabelo. Mas não falou nada.

Então me lembrei de que ela tinha dito: "A última vez que vi Tourteau..."

— O que aconteceu com ele? — perguntei. — Com o Julian?

Lágrimas rolaram pelo rosto da minha avó quase no mesmo instante.

— Os alemães o pegaram — falou. — Naquele dia mesmo. Ele estava a caminho da escola. Estavam fazendo outra busca no vilarejo naquela manhã. A essa altura, estavam perdendo a guerra e sabiam disso.

— Mas... ele nem era judeu!

— Eles o pegaram porque ele era aleijado — disse ela, soluçando. — Desculpe, sei que você me disse que essa não é uma boa palavra, mas não conheço outra na sua língua. Ele era um *invalide*. É como dizemos em francês. E foi por isso que o pegaram. Ele não era perfeito. — Ela praticamente cuspiu essa palavra. — Naquele dia, levaram embora da cidade todos os que não eram perfeitos. Foi um expurgo. Os ciganos. O filho do sapateiro que era… retardado. E Julian. Meu *tourteau*. Eles o puseram em uma carroça com os outros. E depois em um trem para Drancy. E de lá para Auschwitz, como minha mãe. Mais tarde, alguém que o viu por lá nos contou que eles o mandaram direto para a câmara de gás. Simples assim, puf, ele se foi. Meu herói. Meu pequeno Julian.

Ela parou para secar os olhos com um lenço e bebeu o restante do vinho.

— Os pais dele ficaram arrasados, claro. M. Beaumier e Mme. Beaumier — continuou. — Só tivemos certeza de que ele havia morrido depois da libertação. Mas sabíamos. Nós sabíamos. — Ela esfregou os olhos com o lenço. — Morei com eles por mais um ano depois da guerra. Eles me trataram como sua filha. Foram eles que me ajudaram a localizar Papa, embora tenha demorado um pouco. Quando Papa finalmente voltou a Paris, fui morar com ele. Mas sempre visitava os Beaumier, mesmo quando já estavam muito velhos. Nunca esqueci a bondade que demonstraram comigo.

Ela suspirou. Havia terminado a história.

— Grandmère — falei, depois de alguns minutos —, isso é tipo a coisa mais triste que já ouvi! Eu não sabia que você tinha vivido na guerra. Quer dizer, meu pai nunca falou sobre nada disso.

Ela deu de ombros.

— Acho que é bem possível que eu nunca tenha contado essa história para o seu pai. Não gosto de falar de coisas tristes, sabe? De certo modo, ainda sou a

garota fútil que era antes. Mas, quando ouvi você falando daquele garotinho da sua escola, não pude deixar de pensar em Tourteau, em como eu tinha medo dele, em como o tratávamos mal por causa de sua deformação. Aquelas crianças foram tão cruéis com ele, Julian. Fico de coração partido ao pensar nisso.

Quando ela falou isso, não sei, foi como se alguma coisa se partisse dentro de mim. Foi totalmente inesperado. Olhei para baixo e, de repente, comecei a chorar. Não estou falando de algumas lágrimas escorrendo pelo rosto — quero dizer chorar mesmo, de fazer o nariz escorrer.

— Julian — disse ela, baixinho.

Balancei a cabeça e cobri o rosto com as mãos.

— Eu fui horrível, Grandmère — sussurrei. — Fui tão mau com Auggie. Sinto tanto, Grandmère!

— Julian — insistiu ela. — Olhe para mim.

— Não!

— Olhe para mim, *mon cher*.

Ela pegou meu rosto e me forçou a fitá-la. Eu estava tão envergonhado! Não conseguia olhar nos olhos dela. De repente, aquela palavra que o Sr. Buzanfa tinha usado, aquela que todo mundo ficava empurrando para cima de mim, veio como um grito. REMORSO!

Sim, era isso. A palavra em toda a sua glória.

REMORSO. Eu estava tremendo de remorso. Chorando de remorso.

— Julian — disse Grandmère. — Todos nós cometemos erros, *mon cher.*

— Não, você não entende! — respondi. — Não foi só um erro. Eu *fui* um daqueles garotos que eram maus com Tourteau... Eu que estava fazendo bullying, Grandmère. Fui eu!

Ela balançou a cabeça.

— Eu o chamei de monstro. Ri pelas costas dele. *Deixei bilhetes cruéis!* — gritei. — Mamãe fica arranjando desculpas para as coisas que fiz... mas não tem justificativa. Eu apenas fiz! E nem sei por quê. Nem sei por quê!

Eu estava chorando tanto que mal podia falar.

Grandmère afagou minha cabeça e me abraçou.

— Julian — falou, com carinho. — Você é tão novo. Você sabe que as coisas que fez não estavam certas. Mas isso não significa que você não seja capaz de fazer o que é certo. Significa apenas que escolheu o caminho errado. Foi isso que eu quis dizer quando falei que você cometeu um erro. Foi o mesmo comigo. Eu cometi um erro com Tourteau. Mas o bom da vida, Julian, é que às vezes podemos consertar nossos erros. Aprendemos com eles. Nós nos tornamos pessoas melhores. Nunca mais cometi com ninguém o erro que cometi com Tourteau. E tive uma vida muito, muito longa. Você também vai aprender com esse erro. Deve prometer a si mesmo que nunca mais vai se comportar assim de

novo. Um erro não define quem você é, Julian. Entende? Você pode simplesmente fazer a coisa certa da próxima vez.

Concordei, mas ainda chorei por muito, muito tempo.

Meu sonho

Naquela noite, sonhei com Auggie. Não me lembro de detalhes, mas acho que estávamos sendo perseguidos pelos nazistas. Auggie foi pego, mas eu tinha a chave para soltá-lo. E, no meu sonho, acho que o salvei. Ou talvez tenha sido isso que disse a mim mesmo quando acordei. Com os sonhos, às vezes é difícil saber. Quer dizer, em meu sonho todos os nazistas se pareciam com os soldados do Império de Darth Vader, então é difícil dar muito significado aos sonhos.

Mas o que mais me pareceu interessante, quando pensei nisso, foi o fato de ter sido um sonho — não um pesadelo. E, no sonho, Auggie e eu estávamos do mesmo lado.

Acordei supercedo por causa do sonho e não voltei a dormir. Não parava de pensar em Auggie, em Tourteau — Julian —, o menino herói de quem eu recebera o nome. É estranho: durante todo esse tempo pensei em Auggie como se fosse meu inimigo, mas quando Grandmère me contou aquela história, não sei, a ficha meio que caiu. Fiquei pensando como o Julian original teria ficado envergonhado de saber que alguém que havia recebido seu nome tinha sido tão cruel.

Também fiquei pensando em como Grandmère parecia triste ao contar a história. Como se lembrava de todos os detalhes, mesmo que tudo tivesse acontecido, tipo, uns setenta anos atrás. Setenta anos! Será que Auggie se lembraria de mim daqui a setenta anos? Ainda se lembraria das coisas cruéis de que eu o havia chamado?

Não quero ser lembrado por coisas assim. Queria que se lembrassem de mim da mesma forma como Grandmère se lembra de Tourteau!

Sr. Buzanfa, eu entendo agora! R.E.M.O.R.S.O.

Eu me levantei assim que amanheceu e escrevi este bilhete:

Prezado Auggie,

Quero pedir desculpas pelas coisas que fiz ano passado. Tenho pensado muito nisso. Você não merecia. Queria poder voltar atrás. Eu seria mais legal. Quando você tiver oitenta anos, espero que não se lembre de como eu fui cruel. Seja feliz.

— Julian

Obs: Se foi você quem contou ao Sr. Buzanfa sobre os bilhetes, não se preocupe, não estou zangado.

Quando Grandmère acordou naquela tarde, li o bilhete para ela.

— Estou orgulhosa de você, Julian — disse, apertando meu ombro.

— Você acha que ele vai me perdoar?

Ela pensou um pouco.

— Isso é com ele — respondeu. — No fim, *mon cher,* tudo o que importa é que você se perdoe. Você está aprendendo com seu erro. Como eu aprendi com

Tourteau.

— Você acha que Tourteau me perdoaria? — perguntei. — Se ele soubesse que eu, batizado em homenagem a ele, fui tão cruel?

Ela beijou minha mão.

— Tourteau perdoaria você — falou.

E eu sabia que era verdade.

Eu me dei conta de que não tinha o endereço de Auggie, então escrevi outro e-mail para o Sr. Browne perguntando se ele poderia mandar por mim o bilhete para Auggie. O Sr. Browne me respondeu na hora. Ficaria feliz em fazer isso. Também disse que estava orgulhoso de mim.

Fiquei feliz por isso. Tipo, feliz *mesmo*. E era bom ficar feliz. É meio difícil de explicar, mas acho que estava cansado de sentir que era um garoto horrível. Não sou. Como não paro de repetir, sou só um menino comum. Um menino típico, normal, comum. Que cometeu um erro.

Mas, naquele momento, eu estava tentando fazer a coisa certa.

Meus pais chegaram uma semana depois. Minha mãe não parava de me abraçar e beijar. Eu nunca tinha ficado tanto tempo longe de casa.

Eu estava animado para contar a eles sobre o e-mail do Sr. Browne e o bilhete que eu havia escrito para Auggie. Mas eles me contaram as novidades deles antes.

— Estamos processando a escola — disse mamãe, animada.

— O quê? — gritei.

— Seu pai está processando a Beecher Prep por quebra de contrato — respondeu ela, quase gritando.

Olhei para Grandmère, que não disse nada. Estávamos jantando.

— Eles não têm o direito de romper o contrato de matrícula — explicou meu pai, com calma, assumindo seu perfil de advogado. — Não antes de você ter sido aceito em outra escola. Hal tinha me dito, na sala dele, que esperariam para romper o contrato *depois* que você fosse aceito em outra escola. E que devolveriam o dinheiro. Tínhamos um acordo verbal.

— Mas eu ia para outra escola mesmo! — falei.

— Não importa — insistiu ele. — Mesmo que tivessem devolvido o dinheiro, o que conta são os princípios.

— Que princípios? — disse Grandmère. Ela se levantou da mesa. — Isso não faz sentido, Jules. É estúpido. *Estu-pído!* Absolutamente sem sentido!

— Maman! — exclamou meu pai. Ele parecia surpreso de verdade. E minha mãe também.

— Você deveria desistir dessa estupidez — disse Grandmère.

— Você não sabe dos detalhes, Maman — falou meu pai.

— Eu sei de *todos* os detalhes! — gritou ela, agitando o punho no ar. Parecia furiosa. — O garoto estava errado, Jules! O *seu* filho estava errado! Ele sabe disso. Você sabe disso. Ele fez coisas ruins com o outro menino e está arrependido, e você deveria deixar isso para lá.

Meus pais se entreolharam.

— Com todo o respeito, Sara — começou minha mãe —, acho que sabemos o

que é melhor para...
— Não, vocês não sabem de nada! — gritou minha avó. — Vocês não sabem. Os dois são ocupados demais com processos e coisas assim.
— Maman — disse meu pai.
— Ela está certa, pai — falei. — A culpa foi toda minha. Toda a situação com Auggie. A culpa foi *minha*. Fui cruel com ele, sem motivo algum. Foi culpa minha Jack ter me dado um soco. Eu tinha chamado Auggie de monstro.
— O quê? — falou minha mãe.
— Escrevi aqueles bilhetes horríveis — continuei, depressa. — Fiz maldades. A culpa foi minha! Eu que estava praticando bullying, mãe! Ninguém mais tem culpa disso, só eu!
Meus pais pareciam não saber o que dizer.
— Em vez de ficarem sentados aqui como dois idiotas — começou Gramdmère, que sempre dizia as coisas sem rodeios —, deveriam dar os parabéns a Julian pela confissão! Ele está assumindo a responsabilidade! Está reconhecendo seus erros. É preciso muita coragem para fazer isso.
— Sim, claro — disse meu pai, coçando o queixo e olhando para mim. — Mas... acho que você não entende todos os desdobramentos legais. A escola recebeu nosso dinheiro e se recusou a devolvê-lo, o que...
— Blá-blá-blá — falou Grandmère, com um gesto de desprezo.
— Escrevi um bilhete pedindo desculpas a ele — contei. — Para Auggie. Escrevi um bilhete para ele e mandei por correio! Pedi desculpas pelo modo como agi.
— Você o quê? — perguntou meu pai. Ele estava ficando irritado.
— E também contei a verdade para o Sr. Browne — acrescentei. — Escrevi um longo e-mail para ele contando a história toda.
— Julian... — começou meu pai, a testa franzida de raiva. — Por que você fez isso? Eu disse que não queria que você escrevesse nada que admitisse...
— Jules! — disse Grandmère em voz alta, brandindo a mão na frente do rosto dele. — *Tu as un cerveau comme un sandwich au fromage!*
Não consegui segurar o riso. Papai se encolheu.
— O que ela disse? — perguntou minha mãe, que não sabia francês.
— Grandmère acabou de dizer que o cérebro do papai parece um sanduíche de queijo — respondi.
— Maman! — falou meu pai duramente, como se estivesse prestes a começar um longo sermão.
Mas minha mãe esticou a mão e tocou no braço dele.
— Jules — falou, baixinho. — Acho que sua mãe tem razão.

Às vezes as pessoas nos surpreendem. Nunca, nem em um milhão de anos, eu imaginaria que minha mãe voltaria atrás no que quer que fosse, por isso fiquei totalmente chocado com o que ela tinha acabado de dizer. Notei que papai estava chocado também. Ele olhava para ela como se não acreditasse no que ouvia. Grandmère era a única que não parecia surpresa.

— Você está brincando? — perguntou meu pai.

Mamãe fez que não com a cabeça devagar.

— Jules, a gente deveria acabar com isso. Seguir em frente. Sua mãe está certa.

Papai arqueou as sobrancelhas. Eu sabia que ele estava zangado, mas tentava não demonstrar.

— Foi você que nos colocou nessa guerra, Melissa!

— Eu sei! — respondeu ela, tirando os óculos. Seus olhos brilhavam muito. — Eu sei, eu sei. E achei que era coisa certa a fazer na época. Ainda não acho que o Buzanfa tenha lidado com tudo isso da forma correta, mas... Estou pronta para deixar tudo isso para trás, Jules. Acho que devemos simplesmente... esquecer e seguir em frente. — Ela deu de ombros. Olhou para mim. — Foi um grande gesto do Julian entrar em contato com esse garoto, Jules. É preciso muita coragem para isso. — Ela olhou de volta para meu pai. — Deveríamos apoiá-lo.

— Eu o apoio, é claro — falou papai. — Mas é uma mudança radical, Melissa! Quer dizer... — Ele balançou a cabeça e revirou os olhos ao mesmo tempo.

Minha mãe suspirou, sem saber o que dizer.

— Olhem aqui — falou Grandmère. — Não importa o que Melissa tenha feito, ela queria ver Julian feliz. E é só isso. *C'est tout*. E ele está feliz agora. Dá para ver nos olhos dele. Pela primeira vez em muito tempo, seu filho está completamente feliz.

— É exatamente isso — disse minha mãe, secando uma lágrima.

Eu meio que senti pena dela nesse momento. Dava para ver que ela estava se sentindo mal por algumas coisas que havia feito.

— Pai — falei —, por favor, não processe a escola. Eu não quero isso. Está bem, pai? Por favor?

Ele se recostou na cadeira e sibilou baixinho, como se estivesse soprando uma vela em câmera lenta. Depois começou a estalar a língua no céu da boca. Ficou assim por um minuto inteiro. Nós apenas o observamos.

Por fim, ele se aprumou e olhou para a gente. Deu de ombros.

— Ok — falou, com as palmas das mãos para cima. — Vou desistir do processo. Vamos esquecer o dinheiro da matrícula. Tem certeza de que é isso que você quer, Melissa?

Mamãe assentiu.

— Tenho certeza.
Grandmère suspirou.
— Enfim, a vitória! — murmurou ela para sua taça de vinho.

Voltamos para casa uma semana depois, mas não antes de Grandmère nos levar a um lugar muito especial: o vilarejo onde crescera. Achei incrível ela nunca ter contado ao papai a história de Tourteau. Tudo o que ele sabia era que uma família de Dannevilliers a ajudara durante a guerra, mas ela nunca lhe contara todos os detalhes. Ele nunca soube que sua própria avó tinha morrido em um campo de concentração.

— Maman, como você nunca me contou nada disso? — perguntou ele enquanto íamos de carro ao vilarejo.

— Ah, você me conhece, Jules — respondeu ela. — Não gosto de revirar o passado. A vida está diante de nós. Se perdemos muito tempo olhando para trás, não vemos aonde estamos indo!

O vilarejo estava muito diferente. Muitas bombas e granadas tinham explodido. A maioria das casas originais tinha sido destruída na guerra. A escola de Grandmère não existia mais. Não havia muito para ver. Apenas Starbucks e sapatarias.

Mas então fomos a Dannevilliers, que era onde Julian havia morado. O lugar estava intacto. Ela nos levou ao celeiro onde passara dois anos. O velho fazendeiro que morava ali nos deixou andar pela propriedade e dar uma olhada. Grandmère encontrou suas iniciais entalhadas em um cantinho de uma baia para cavalo, que era onde ela se escondia debaixo de montes de feno sempre que os nazistas estavam por perto. Ela parou no meio do celeiro, com uma das mãos no rosto, e olhou em volta. Parecia tão pequena ali dentro.

— Como você está, Grandmère? — perguntei.

— Eu? Ah! Bem — falou, sorrindo. Inclinou a cabeça. — Eu sobrevivi. Lembro-me de pensar, quando estava aqui, que o cheiro de estrume de cavalo nunca sairia das minhas narinas. Mas eu sobrevivi. E Jules nasceu porque eu sobrevivi. E você nasceu. Então que importância tem o cheiro de estrume de cavalo diante disso tudo? Perfume e tempo fazem tudo ficar mais fácil de suportar. Agora, tem mais um lugar que quero visitar...

Levamos cerca de dez minutos de carro até um minúsculo cemitério no limite do vilarejo. Grandmère nos levou direto a um túmulo na extremidade do cemitério.

Havia uma pequena placa de cerâmica branca em forma de coração. Nela, estava escrito:

ICI REPOSENT

Vivienne Beaumier
née le 27 de avril 1905

décédée le 21 de novembre 1985

Jean-Paul Beaumier
né le 15 de mai 1901
décédé le 5 de juillet 1985

Mère et père de
Julian Auguste Beaumier
né le 10 de octobre 1930
tombé en juin 1944
Puisse-t-il toujours marcher le front haut
dans le jardin de Dieu

Olhei para minha avó, parada, os olhos fixos na placa. Ela beijou os dedos e depois se inclinou para tocar a cerâmica. Estava tremendo.

— Eles me trataram como uma filha — falou, as lágrimas rolando pelo rosto.

Ela começou a soluçar. Peguei sua mão e a beijei.

Mamãe pegou a mão do papai.

— O que diz a placa? — perguntou ela, baixinho.

Papai limpou a garganta.

— Aqui jaz Vivienne Beaumier... — traduziu ele. — E Jean-Paul Beaumier. Mãe e pai de Julian Auguste Beaumier, nascido em dez de outubro de 1930. Morto em junho de 1944. Que caminhe para sempre de cabeça erguida no jardim do Senhor.

Nova York

Voltamos para Nova York uma semana antes do início das aulas em minha nova escola. Foi bom estar no meu quarto de novo. Minhas coisas estavam todas iguais. Mas eu me sentia, não sei, um pouco diferente. Não consigo explicar. Sentia que estava mesmo recomeçando.

— Já venho ajudar você a desfazer as malas — disse minha mãe, correndo para o banheiro assim que entramos pela porta.

— Tudo bem — respondi.

Ouvi meu pai na sala escutando os recados da secretária eletrônica. Então identifiquei uma voz conhecida saindo do aparelho.

Parei o que estava fazendo e fui para a sala. Papai ergueu os olhos e pausou a gravação. Então voltou a mensagem para que eu a escutasse.

Era Auggie Pullman.

— Ah, oi, Julian. É, então... Humm… Só queria dizer que recebi seu bilhete. E, hum… é, obrigado por ter escrito. Não precisa me ligar de volta. Eu só queria dar um oi. Está tudo bem. Ah, e a propósito, não fui eu que falei dos bilhetes para o Sr. Buzanfa, só para você saber. Também não foi o Jack nem a Summer. Realmente não sei como ele descobriu, mas isso não tem importância. Então, ok. Enfim, espero que goste da escola nova. Boa sorte. Tchau!

Clique.

Papai me olhou para ver como eu iria reagir.

— Uau — falei. — Por essa eu não esperava.

— Você vai ligar de volta para ele?

Fiz que não com a cabeça.

— Não — respondi. — Sou covarde demais.

Papai se aproximou de mim e pôs a mão no meu ombro.

— Acho que você provou que é tudo *menos* covarde — falou. — Estou orgulhoso de você, Julian. Muito orgulhoso. — Ele se inclinou e me abraçou. — *Tu marches toujours le front haut.*

Sorri.

— Espero que sim, pai.

Espero que sim.

FIM

Sobre a autora



R. J. Palacio mora em Nova York com o marido, dois filhos e dois cachorros. Por mais de vinte anos foi diretora editorial, diretora de arte e designer gráfica, trabalhando nos livros de outras pessoas enquanto esperava o momento ideal para começar a escrever seu próprio romance. Mas um dia, muitos anos atrás, um encontro casual com uma criança extraordinária em frente a uma sorveteria fez R. J. perceber que o momento ideal finalmente havia chegado. *Extraordinário* é seu primeiro livro. Ela não criou a capa, mas sem dúvida adora o resultado.

Conheça o outro livro da autora

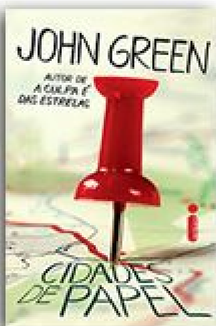


Extraordinário

Títulos relacionados



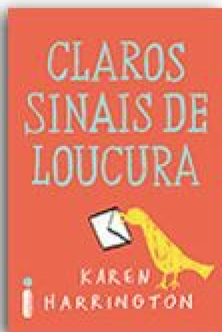
A culpa é das estrelas
John Green



Cidades de papel
John Green



O teorema Katherine
John Green



Claros sinais de loucura
Karen Harrington



Passarinho
Crystal Chan

Table of Contents